

CORINGA

OPERAÇÃO BLACKJACK • VOL III

DÊ SUA CARTADA
FINAL...

UM ROMANCE DE
LIS WEY





PERIGOSAS NACIONAIS

C O R I N G A

O P E R A Ç Ã O B L A C K J A C K – L I V R O I I I

L I S W E Y

20 19

PERIGOSAS ACHERON

Esta é uma obra registrada na Biblioteca Nacional e protegida pela Lei de Direitos Autorais. Todos os direitos são reservados à autora e é expressamente proibida sua reprodução total ou parcial.

Esta obra tem conteúdo impróprio para menores de 18 anos.

Todos os locais, pessoas e fatos representados nesta obra são fictícios.

Capa: Jéssica Macedo

Revisão: Mimeógrafo Consultoria
mimeografo@outlook.com

Editora Portal
Segredo
www.editoraportal.com.br

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo temendo o final, dele não podemos
fugir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando você não está por perto
(Roberto Frejat / Flavio Marquesini)

*Eu quero ficar nu diante dos seus olhos
Falar bem perto do seu ouvido
Decifrar tua alma e os gemidos
Temos tempo pra viver
Quero descobrir o amor de novo
Encontrar em alguém o que eu procuro
Livrar o amor do escuro
E destruir o muro que cerca meu coração*

*Vai ser bom pra mim
Ficar só tão ruim
Vai ser bom pra mim
Ficar só tão ruim*

*A vida me sorriu, permitiu você nascer
Estrela pra dar sorte por tudo o que a gente fez
É pura tua luz, teu rosto, teu olhar
Quando você está longe, a mim só resta lembrar*

*Vai ser bom pra mim
Ficar só é tão ruim
Vai ser bom pra mim
Ficar só é tão ruim
Quando você não está por perto
Meu mundo um deserto no frio*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

DEDICATÓRIA

A vocês, que aguentaram minhas ausências, este
último livro é dedicado.

AGRADECIMENTOS

A todos que leram a história, obrigada.

Esta autora repudia qualquer tipo de violência,
física e psicológica.

Esta autora acredita na liberdade. Ainda.

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PRÓLOGO

Simone

Setembro de 2009.

Por que eu tinha mesmo que casar com ele?

Que maldita ideia era aquela?

Depois de me forçar a acreditar que eu estava *investigando* o esquema de jogos, comecei a racionalmente ponderar os motivos pelos quais eu permitira a entrada de Maurício na minha vida pessoal. Sim, porque *tudo tinha razão de ser...* Era uma pena que eu só havia decidido raciocinar quando tudo já estava encaminhado e, bom, eu já

PERIGOSAS NACIONAIS

estava vestida de amarelo claríssimo, na porta de uma enorme Igreja, dentro do carro de noiva alugado pelos pais do noivo.

Não havia mangas bufantes ou saia armada; o fato é que eu não havia perdido nem dez minutos escolhendo o vestido e, verdade seja dita, eu havia aceitado o pedido inesperado — com todas as suas implicações — apenas por raiva. Naquele dia em que encontrei o Paulo observando pela janela da minha casa, naquele dia em que confessei que o havia esperado como uma criança que aguarda o Natal, naquele dia em que ele repetiu que não sentia qualquer coisa por mim, naquele mesmo dia... o Maurício pediu a minha mão e eu,

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente, aceitei, sem sequer questionar a proximidade do dia marcado.

Poucos dias depois, a patroa da minha mãe me *presenteou* com um dos vestidos de seu ateliê, insistindo para que eu fosse até lá escolher um e dizendo que ela mesma faria as *adaptações necessárias ao formato do meu corpo*. Uma grande maçã, segundo ela. E lá fui eu, acompanhada da minha mãe, mas apenas porque percebi o quanto isso a deixara empolgada, empolgada como não a via desde os meus 12 anos. Era a chance de levar a filha a um estúdio de modelos. A única chance.

Normalmente, tudo o que me preocupava em uma roupa era um bom decote, que valorizasse o

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu tenho de melhor: o busto. *O resto?* Eu não estava nem aí para isso. Naquele dia, uma terça-feira depois do fatídico pedido — do qual me arrependi de ter aceitado apenas alguns segundos depois de colocar o anel no dedo —, o ateliê da dona Flávia estava relativamente vazio. Alguns *offwhite* haviam sido separados. Desanimada, olhei para um deles, vi o decote em V e disse:

— Aquele.

Tanto a modista quanto minha mãe olharam com espanto. Era o modelo mais simples, menos elaborado. Dona Flávia puxou o ar e fez um comentário sarcástico, algo como *esta é a prova de que nem todas foram feitas para ser elegantes*.

PERIGOSAS ACHERON

Percebi que minha mãe se encolhera e, honestamente, quis soltar um palavrão.

Quando coloquei o vestido apontado, a modista sorriu e disse:

— Ficou bom, na medida do possível. Você realmente não quer nada mais *elaborado*?

— Não — respondi lacônica, apontando para os botões forrados nas costas e pedindo para que abrisse.

— Muito bem. Acredito que um bom penteado e maquiagem podem valorizar seu rosto. Não costumo contrariar noivas, você deve imaginar. Meu trabalho é agradar e não aborrecer. De toda sorte, eu peço a você que tenha uma boa noite de

PERIGOSAS NACIONAIS

sono na véspera, porque olheiras escuras são um vilão insuperável.

Boa noite de sono? Depois do beijo que Paulo me deu na cozinha na cozinha da minha casa, no dia anterior ao casamento, eu dormi muito mais do que mal, remoendo emoções das mais variadas. De manhã, com as palavras da dona Flávia martelando na cabeça, fui dar um jeito de disfarçar olheiras e arrumar o cabelo.

Coque, trança, rabo de cavalo, cabelo solto ou caneta Bic, para mim, qualquer um desses resolveria a questão. Só precisava resolver logo aquele problema.

Problema? Meu casamento era um *problema!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde que reencontrei o Maurício e o Paulo, uma série de lembranças ruins pipocaram e, aos poucos, foram sendo substituídas por novas memórias. Momentos de carinho, de risada, conversa, compreensão. Era hora de deixar o passado adormecer e viver o presente, aceitando o que o destino me trouxesse. Explicações, ouvi ao montes e as recebi até mesmo quando não me importava mais com isso.

— Simone, meu chuchuzinho, está na hora de entrarmos na Igreja — ouvi a voz nervosa do meu pai como o sussurro vacilante de um eco na montanha. Ele deu dois tapinhas na minha mão e puxou o ar com força, tossindo logo em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

Igreja? O que diabos eu estava fazendo?

A princípio, talvez, tenha sido carência o que me fez aceitar sair com o Maurício. Depois, a raiva me fez aceitar o pedido de casamento. Casar era loucura!

Meu pai desceu do carro e abriu a porta, oferecendo a mão para que eu descesse. Mecanicamente, aceitei. Duas moças vieram auxiliar com o véu, que abriram para parecer uma cachoeira de renda bege.

— Vamos, senhorita. Só toleramos meia hora de atraso nesta Paróquia e a senhorita já passou disso há muito tempo.

Papai tentou me puxar novamente e eu arregalei

PERIGOSAS NACIONAIS

ainda mais os olhos. Finalmente, desci do carro quase puxada.

Que ridícula! Que burrice!

Eu diria *não* quando o celebrante perguntasse. Pronto. Diria um envergonhado *não* e aturaria o deboche da família depois.

— Simone? — meu pai chamou novamente quando estávamos parados à porta da enorme Catedral fechada. Ele cheirava ao fumo de rolo que cultivava na área de serviço da nossa casa, como se um galho de tabaco estivesse seco em seu bolso.

Pensamentos acelerados não permitiram que meu corpo reagisse, travando meu pé no chão de mármore branco limpíssimo.

PERIGOSAS ACHERON

Algo como cornetas soou nos meus ouvidos e a porta da abriu, fazendo o frio do ar refrigerado se misturar ao calor do suor no meu rosto. Cada vez mais gelada, apertei o buquê e engoli em seco.

— Papai, eu acho que não posso fazer isso — sussurrei.

Acho que ele não ouviu porque apertou minha mão e começou a se mover.

Conforme eu andava em direção ao altar, cada passo era um arrependimento. A certeza de que outro caminho seria melhor para desvendar os mistérios da Blackjack fazia meu coração palpitar e a perspectiva de casar com um homem a quem eu não amava apertava meus pulmões e me impedia de

respirar.

Então, acho que, quando desconfiei que o Paulo escondia alguma coisa de mim, insisti no relacionamento provavelmente cedendo à vontade de fazê-lo intervir, como nas comédias românticas que eram sucesso no cinema.

Comecei a hiperventilar e soube, naquele instante, que estava esperando a tal cena romântica, algo como o Paulo interromper a cerimônia e confessar publicamente seu amor por mim. Nada mais estúpido do que isso para uma mulher como eu, abraçada por um escudo duplo como casco de tartaruga moldado a partir de tudo o que já havia vivido. *Sonhadora?* Eu não era. Nunca fui.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia que ele não faria isso. Se, até aquele momento, Paulo não havia dito uma palavra — exceto, talvez, o beijo que trocamos na cozinha da minha casa horas antes de eu me vestir para casar com outro —, ele não faria nada em uma cerimônia cheia de olhares curiosos.

Maurício parecia genuinamente feliz, em paz, e evitei desviar a atenção para qualquer lugar. Focalizei nele e vasculhei minha cabeça em busca de lembranças de nossos momentos juntos. *Eu havia gostado?*

Por que eu não lembrava de sentir o coração disparar nem uma vez?

Eu deveria casar? Ele seria um bom marido?

PERIGOSAS ACHERON

Ele parecia gostar mesmo de mim... Quem sabe com o tempo...

Bastou, todavia, um segundo para o meu plano se mostrar um fracasso. Um mísero segundo, o mesmo tempo que foi preciso para que eu me apaixonasse por Paulo da primeira vez, foi o tempo que fez meu coração ruir em mil pedaços naquele instante. Parcialmente escondido por uma pilastra atrás do altar, na direção para onde eu olhava para o meu futuro marido, estava ele, o dono de todos os meus sonhos.

— Paulo.... — sussurrei e percebi que minha voz não havia saído mais do que um gemido.

O tempo não faria eu amar o Maurício... Meses

PERIGOSAS NACIONAIS

não me fizeram sequer sentir uma centelha de atração por ele... Depois que Paulo entrou na minha vida, ele preencheu todos os espaços vazios e meu *noivo* não teve qualquer chance nesta luta.

Era o Paulo. Sempre seria o Paulo, o homem com quem eu sonhava casar.

Parei de caminhar no meio da nave e segurei no braço do meu pai, que deu dois tapinhas na minha mão e me puxou para a frente. A partir dali, como se a confiança retornasse, parei de vacilar e caminhei firme na direção do altar, ou melhor, na direção de Paulo, que sorriu de volta. Mesmo que o tapete da Igreja direcionasse meus passos para o Maurício, meu coração caminhava direto para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

grande amor da minha vida, que parecia estar na mesma sintonia que eu.

Ele sorriu para mim e sorri de volta. *Como o Paulo pôde ter esquecido de tudo o que vivemos?*

Meu estupor foi interrompido por uma voz bem familiar, usada em tons nunca antes ouvidos por mim.

Papai?

— Com essa família, você não casa!

Arregalei os olhos a tempo de ouvir os cochichos de todos na Igreja e de não cair com o puxão que meu pai deu. Poucas vezes na vida me senti tão humilhada. Bom, poucas vezes na vida *adulta*.

PERIGOSAS ACHERON

Não que eu quisesse casar com Maurício — já estava convencida de que aquilo era uma grande idiotice —, mas ser arrastada da Igreja por um pai irritado, perante quase quinhentos pares de olhos curiosos, fez meu rosto partir de um rosinha feito no *blush* para uma cor de melancia estragada.

Maurício estava algo perto do apático. Paulo franzia o cenho, investigativo. E, claro, minha tia mais amarga gargalhava tão alto que conseguira se tornar o centro das atenções. A Igreja estava em polvorosa...

E eu?

Eu percebi que havia conseguido uma saída triunfal, digna dos filmes românticos que estouram

PERIGOSAS NACIONAIS

no cinema. Só que, ao invés do mocinho, quem me salvou foi o meu próprio pai.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 1

Paulo

— *Então, PC, você foi expulso da escola.*

Vamos procurar outro lugar para você estudar.

— *Expulso? E o Maurício?*

— *Ele, não.*

— *Mas foi ele quem começou a briga!*

Isso é injusto!

— *O pai dele conhece gente grande. As injustiças nascem do coração intranquilo, meu filho. Toda vez que uma injustiça acontecer, pode ter certeza que*

a razão foi esquecida.

— Mas nós não devemos mesmo proteger aqueles que amamos?

— Os sentimentos que vêm do coração nem sempre são amor, PC. Angústia, medo, desespero, se você deixar estes sentimentos entrarem no seu coração, ele ficará intranquilo.

— Não entendo, pai...

— Só observe, PC. Observe seu entorno, observe seu interior. Acredite: as pessoas não compreendem, mas o amor é uma grande expressão da razão.

Um misto de alívio, felicidade e respeito pelo meu — com certeza, agora — *futuro sogro* tomou conta de mim e eu quis rir. Acho mesmo que, por dentro, eu gargalhava.

Sim, eu casaria com aquela mulher!

Eu queria rir do Maurício, rir da cara dos muitos convidados, rir da minha própria alegria. Rir e correr atrás da Simone, de quem eu rasgaria o amarelado-noiva — que ela usava para se unir a outro — e a quem eu vestiria com o vermelho-ninfomania — para uma noite de reencontros e muito prazer.

— Puma? — Palito chamou no ponto do meu ouvido. — Aguardamos ordens.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sacodi a cabeça, tentando pensar no que acontecia naquele momento, e murmurei:

— Palito, você segue a Rainha e os pais. Esquilo, fica na cola do *juizinho*. Chiclete, acompanhe o movimento dos seguranças do advogado-chefe.

— Positivo — eles responderam ao mesmo tempo.

Decidido a investigar, e preso à minha certeza de que o melhor momento para as descobertas é o exato instante em que a bala deixa o cano, apertei os olhos procurando mais alguma reação suspeita em todos.

Havia uma mulher rindo muito na Igreja, perto

PERIGOSAS ACHERON

dos convidados da Simone. De tão barulhenta, fez com que todos olhassem para ela e, como o laranja de uma fuga mirabolante, permitiu que a Simone saísse sem maiores importunos. Se este foi o objetivo da coroa, não sei. Sei que esta foi a consequência de seus atos. E sei também que ela olhou para a mãe da Simone, fez um aceno com a cabeça e arregalou os olhos, conversando um longo assunto através de dois gestos silenciosos. Minha *futura sogra*, como se aquela atitude do marido não fosse tão estranha, o seguiu porta afora.

A mãe do noivo estava séria, como maxilar trincado e as mãos apertadas à frente do corpo. Parecia envergonhada, constrangida e nada — nem

um mísero grão de mostarda — surpresa. Em nenhum momento ela olhou para o marido, mantendo os olhos firmes e fixos no fundo da Igreja.

Os irmãos de Maurício pareciam agitados, crianças prontas para arquitetar um plano mirabolante que culminaria com muitas risadas embasadas na desgraça do mais velho. E isso porque ambos eram maiores de idade.

Procurei outros rostos conhecidos, daqueles de quem desconfiava.

Os outros policiais infiltrados pela operação no escritório do doutor Carlos ainda estavam na Igreja. Frederico parecia um pateta, Viviane vasculhava

seu redor em uma atitude investigativa semelhante à minha.

Marcelo e Ana, advogados sênior do escritório, saíam inabalados, exatamente como os artistas que conhecem o discurso a dar para a imprensa quando um escândalo é desvelado. Os estagiários se entreolhavam sem saber bem como agir.

A Gata começou a andar na minha direção e fez que não quando nossos olhos cruzaram. Perspicaz, a perua entendeu e virou para o Maurício. No altar, ele parecia uma múmia. Não pronunciou uma palavra e se limitou a seguir, com os olhos, o rastro de abandono deixado por Simone — ou pelo pai dela, já que ela mesma não caminhava por conta

própria.

O doutor Carlos Fernando, entretanto, parecia mais eloquente do que o esperado, especialmente depois das afirmações do senhor José Claudio. Puxando o microfone do púlpito, convidou a todos os presentes para dirigirem-se ao salão de festas.

— Tenho alguns litros de *whisky* prontos para alegrarem essa noite. Acho que, mais do que nunca, meu filho precisa de uma grande celebração depois do escândalo de um pai enciumado.

Não era ciúmes. Eu sabia disso, assim como ele, mas orgulho é uma necessidade humana, muito mais do que um sentimento.

Percebi a movimentação dos meus

PERIGOSAS NACIONAIS

companheiros, cada um seguindo a direção que eu havia determinado, e caminhei até o doutor Carlos.

— Creio que precisemos conversar — eu disse, encarando-o.

— Na verdade, não sei sobre o que. Neste momento, creio que eu precise distrair o meu filho da decepção e da vergonha de ser abandonado no altar por uma mulher como aquela.

Uma mulher como aquela? Loucura seria Simone casar com ele!

Muito além da raiva que senti com o tom jocoso que ele usou para se referir a ela, um gosto amargo de fel nasceu na minha boca.

Aquela voz...

PERIGOSAS ACHERON

Fechei os olhos por um minuto e fui levado direto para um galpão imundo. Alguém debochando de mim... *Era ele.*

Como não percebi antes? Realmente, ele era o Cervantes.

Apertei os olhos e trinquei os dentes, mais irritado com a minha idiotice do que com a sagacidade dele.

— Acho que o senhor sabe bem sobre o quê devemos tratar.

— Ora, criança, veja bem. Hoje não é o melhor dia para isso.

— Espero o senhor amanhã na sede, às 9.

— Estou sendo intimado a depor? Sem nenhum

documento? Aleatoriamente?

— Aleatoriamente? — Puxei o ar. — Doutor Carlos, estou convidando-o a prestar esclarecimentos amanhã às 9 horas.

Ele sorriu e, usando a melhor cara de blefe, virou de costas, chamou a esposa com a troca cúmplice de olhares e deixou o lugar.

Meu celular tocou e apertei o fone de ouvido:

— Vigianto o castelo — Palito falou.

— Estou indo *praí* — respondi.

Não demorou muito tempo para eu chegar à

PERIGOSAS NACIONAIS

porta da casa de Simone, onde Palito montava guarda encostado em uma das poucas árvores do lugar, comendo alguma coisa que eu só posso supor ter sido entregue pela própria Simone. Tão logo estacionei a moto, me cumprimentou com um aceno de cabeça e enfiou o resto do sanduíche na boca, enchendo as bochechas, mastigando com dentes à mostra e engolindo o pão quase inteiro.

— Mal-educado — falei para ele.

— Fome, chefe, faz qualquer um trair a pátria — ele respondeu limpando os dentes.

— Vou lembrar disso.

Palito sorriu.

— É só manter minha barriga cheia — piscou e

PERIGOSAS ACHERON

eu balancei a cabeça negando aquilo.

Demorei mais tempo para bater na porta do que imaginei. Hesitei, ouvindo as batidas alternadas do meu coração que batucavam a felicidade e o dever profissional.

— Paulo? — Simone abriu a porta, ainda usando o maldito vestido. — Imaginei que você viria. Entre.

Passei por ela, olhando-a de cima a baixo. Eu não precisava mais fingir nada e muito em breve a teria novamente nos braços. Havia certo alívio nisso... Simone ainda segurava a maçaneta, mas franziu o cenho quando nos encaramos. Como o bom paspalho que era, perdi a sanidade nos lábios

úmidos dela que, levemente rosados, estavam abertos apenas o necessário para passar um filete de ar.

Eu, o idiota, estava mudo, quase implorando em pensamentos para que ela tirasse logo aquela roupa de casamento e colocasse qualquer uma que me fizesse esquecer que ela havia aceitado casar com aquele maldito *juizinho*, o qual eu passara a ter ainda mais certeza da culpa.

Puxei o ar e procurei voltar à razão. Tão logo entrei, ela fechou a porta e apontou para a sala, caminhando lentamente ao meu lado.

— Meu pai não está bem. Ele veio da Igreja em silêncio e muito nervoso. Se trancou lá dentro com

a minha mãe e não quer sair... Minha tia, irmã dele, já ligou, mas ele não quis falar.

— Ele precisa depor, Simone — falei abruptamente, sem atentar para o fato de que a mãe dela estava no quarto, a poucos metros de nós, e podia facilmente ouvir a conversa. Não tardou muito para ela entrar na sala e me encarar.

Ainda estávamos de pé lado-a-lado, mas Simone suspirou quando viu a mãe, provavelmente ciente da atitude que a genitora tomaria.

— Saia daqui — disse a mulher com voz incisiva e o dedo em riste. — Saia da minha casa!

— Senhora, eu...

— Meu marido não vai depor. Esqueça o que

viu. Esqueça o que ouviu. Esqueça de nós.

— Eu sou policial e...

Ela trincou os dentes.

— Eu já sei. Meu marido sempre me disse que tinha algo estranho em você, uma confiança excessiva. — Me analisou inteiro, ainda vestido na roupa social que eu colocara para o casamento. — Eu não quis acreditar, achei que você era só um advogado amigo da Simone. Mas ele tinha razão. É isso mesmo. Você arrastou a Simone *pro* meio dessa *porcalhada* toda. Você colocou a minha filha em risco!

— Mamãe, o Paulo não sabia que eu...

Coloquei a mão no ombro dela. A mãe precisava

explodir para acalmar. Eu conhecia bem aquele tipo de reação, um desespero misturado ao susto.

— Não o defenda, Simone! Ele é policial e deveria ter afastado você daquela família!

— Mamãe, o Paulo não sabia de nada sobre o doutor Carlos.

— Não importa! Se ele tivesse um pingão de consideração por você, teria impedido que você chegasse perto de qualquer tipo de investigação da polícia! Você não tem nada a ver com isso, Simone, nada! Você é uma advogada de pensão alimentícia!

— Mamãe! — Simone se irritou, provavelmente sentindo-se menosprezada pela genitora. Então, puxou o ar com muita força, soltando-o ainda mais

violentamente, e disse: — O papai ainda não explicou nada! Ele precisa depor, precisa pelo menos explicar para o Paulo por que chamou o doutor Carlos de Cervantes.

— Não, Simone. Você não sabe quem é aquele povo, do que eles são capazes. Seu pai sofreu muito no passado. Ele não vai depor. É um homem velho, aleijado e não vai colocar a gente em risco!

Eu mantive a seriedade. Ela precisava confiar em mim e com certeza uma atitude despojada não a faria relaxar na minha presença.

— Eu compreendo — falei de forma solene fazendo com que as duas me encarassem.

O tiro seguinte veio novamente da mãe de

PERIGOSAS NACIONAIS

Simone:

— Se compreende, suma!

Fiz que *sim* com a cabeça e disse:

— Eu sei que eles são perigosos, senhora, e faremos de tudo para protegê-los, à senhora e à sua família, mas...

— Proteger? Ora, menino, não seja estúpido! — Virou de costas para mim e cruzou os braços. — A melhor proteção para nós é o silêncio!

— Não, senhora. Se não prendermos todos os culpados, muita gente ficará em risco. Podemos protegê-los.

— Não tem como nos proteger. Eles são mais fortes, mais poderosos do que qualquer um de nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eles estão em todo lugar e eu nem sei se *você* é um deles. — Me encarando novamente, arregalou os olhos, constatando uma possibilidade quase literalmente surreal de eu ser um criminoso.

— Senhora, não sou um deles. Sou policial. — Para mim, isso explicava tudo. Era um contrassenso ser as duas coisas.

— E você acha mesmo que dentro da polícia não tem criminoso? Eu já conheci policial corrupto e não tem nem muito tempo! Entrou na quadrilha deles *pra* investigar e acabou cometendo crimes também!

Um policial? Franzi o cenho.

Apesar de compreender o medo que ela sentia,

PERIGOSAS ACHERON

não pude deixar de tomar as dores da corporação. Corrupção tem em qualquer lugar, mas eu não sou um bandido. Engoli em seco e apertei as mãos ao lado do corpo. Simone notou e maneou a cabeça, pedindo silenciosamente que eu aguardasse a mãe dela se acalmar.

— Talvez seja melhor você me deixar falar com eles primeiro, Paulo — sugeriu com delicadeza, fazendo-me atinar para o fato de que ela havia sido exposta a todo tipo de falatório naquele dia e, provavelmente, precisava refletir, descansar, se acalmar...

— Senhora, me desculpe a insistência, mas ele precisa depor sobre o que disse. Pode não ser hoje

nem amanhã, mas é imprescindível que ele vá ainda essa semana. Se o advogado for mesmo o Cervantes, e eu acredito que ele é, o senhor José poderá nos ajudar a encerrar a operação e desmantelar a quadrilha.

— Você sabe há quantos anos eles agem? Mais de 20! Provavelmente desde antes mesmo de você nascer! Acha mesmo que pode proteger à minha família? — Bufou, respondendo à própria pergunta: — É claro que não! O melhor que a minha família pode fazer é viver no silêncio e na distância. Vá embora e não volte nunca mais! Nunca mais!

Simone apontou para a porta, educadamente dizendo para eu ir embora. Não me mexi. A mãe

PERIGOSAS NACIONAIS

dela, que ainda estava de costas, parecia tentar controlar o choro e Simone, com o penteado de noiva começando a se desfazer, parecia ter esquecido a indumentária que usávamos.

— Você está bem? — perguntei, levantando a mão para acariciar o rosto dela.

Se afastando quase que por instinto, ela suspirou e concordou com a cabeça.

— Vá embora, menino — a mãe dela repetiu.

Simone abriu novamente a porta e se apoiou nela:

— Acho melhor você ir, Paulo — disse e afastou o olhar para fora da casa. — O Palito pode ficar lá fora essa noite?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele *vai* ficar. Ele e eu vamos ficar.

— Você também? — perguntou suavemente.

Encarei Simone por alguns instantes e anuí com um movimento tão sutil de cabeça que tive certeza de que ela não notou. Sem conter os impulsos, a puxei e abracei, deixando um beijo demorado em sua testa. Eu não queria sair dali, na verdade. Queria sentar na sala e comer pizza, abraçado a ela, repetindo o quanto a amava até que Simone acreditasse. Mas a hora de ser totalmente sincero ainda não tinha chegado. Me afastei.

— Sobre a sua posse no Ministério Público...

— Falta um mês.

— Eu não sabia que você tinha feito prova para

PERIGOSAS ACHERON

lá.

— Foi antes de entrar no escritório... Eu não tinha passado, na verdade. Entrei na repescagem.

— Vá embora! — a mãe dela gritou novamente.

— A Simone não vai mais ter nenhum contato com vocês nem com bandidos. Vá embora e se afaste da minha filha!

— Vai, Paulo — Simone pediu empurrando meu braço.

Saí da casa e meus olhos cruzaram com os de Palito, Esquilo e Chiclete, todos encostados na BMW filmada do Esquilo.

— Achei que tinha mandado vocês colarem nos outros — repreendi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão todos na festa, chefe. Volto *pra* lá em pouco tempo. A Gata está lá, de toda forma — Esquilo se apressou em responder, sentando no banco do motorista. — Mulher gostosa da porra. Viu o vestido que usava? Tudo marcadinho, certinho... — Fez um gesto com as mãos imitando um violão e apertou os dentes na boca, fazendo barulho como se comesse um churrasco suculento.

Chiclete riu para ele e se entreolharam. Palito continuava sério e parecia um pouco mais taciturno que o normal. Olhei para a casa e Simone ainda estava encostada na porta nos observando, de braços cruzados. Tão logo nossos olhos cruzaram, ela entrou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Conseguiu entender alguma coisa do que aconteceu na Igreja? Por que o pai dela chamou o advogado de Cervantes? — Palito perguntou para mim.

— Ainda não sei. A família parece assustada e, bom, tem razão. Vamos continuar com a escuta e...

— Ela acabou de desligar o celular de novo — Esquilo disse, mexendo em alguns botões no pequeno aparelho que levava no banco do carona. Ele franziu o cenho por algum tempo e digitou alguns números.

Arqueei a sobrancelha e ele ligou novamente o celular de Simone. Mandeí, na mesma hora, uma mensagem a mandando deixar o maldito telefone

PERIGOSAS ACHERON

ligado. Um chiado e um estilhaçado nos fizeram entender tudo. Simone havia quebrado mais um celular.

— Ficamos sem escuta? — Chiclete perguntou, bufando. — Essa sua namorada é muito mimada, Puma!

Todos olhamos para Esquilo, que ria vitorioso. Franzi o cenho e escutei a voz do pai da Simone vindo do aparelho ao lado dele.

— Canal 2 — ele falou.

Esquilo havia grampeado *a casa* de Simone.

CAPÍTULO 2

Simone

Assim que entrei de novo em casa, desliguei meu celular. Como já imaginava que aconteceria, o aparelho ligou novamente. *Malditos!* Um apito:

Deixe o aparelho ligado.

Li a mensagem e ri, mas eu precisava conversar com os meus pais e, se houvesse escuta, nosso ciclo de confiança estaria quebrado. Respirei fundo, tirei a bateria do aparelho, jogando-o no chão com força suficiente para ele se espatifar. Depois que fiz isso, pensei com meus botões: *bastava ter tirado a bateria...* Dei de ombros.

Quando não há mais o que fazer, tudo já foi feito.

Entrei no quarto e fiz sinal para que minha mãe me seguisse. Sentei aos pés da cama onde meu pai estava deitado, e comecei a falar:

— Muito bem. Agora, nós três. O que você quis dizer, papai, quando chamou o doutor Carlos de Cervantes?

— Você tem que se afastar disso tudo, Simone. Aquela gente é ruim — minha mãe começou a dizer, sendo interrompida por um sinal de mão do meu pai.

— Eu vou explicar tudo, mas você precisa me prometer que ficará longe desse lamaçal todo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Papai, eu...

— Longe, Simone. Você vai se afastar de tudo. Sair da cidade. Vai morar com a sua tia no interior, qualquer coisa. Quero você longe deles.

— Papai, primeiro, eu preciso saber o que aconteceu. Não vou fugir nem tampouco deixar você sozinho na cidade com gente perigosa.

— Enquanto eu mantiver minha boca fechada, eu e sua mãe estamos seguros. Não entendo como você foi ficar noiva logo do filho do Cervantes. Não entendo... Achei que o Maurício fosse filho do chefe do seu escritório.

— Ele é. O doutor Carlos é o chefe do escritório.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele trincou os dentes e sussurrou apenas uma palavra, que mostrava toda a força de sua raiva:

— Maldito.

— Papai, me conte....

— José Claudio, é hora de falar... — minha mãe sugeriu.

— O Cervantes não é advogado, chuchuzinho. Ele é o chefe da quadrilha de execução.

— Papai, me conte a história toda — pedi, percebendo o quanto aquele assunto o incomodava.

— Quando eu ainda trabalhava no cemitério, comecei a perceber um movimento estranho no crematório. Um dia, fiquei de tocaia para descobrir que diabos de tantos corpos queimavam à noite. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Cervantes me viu e levou para um lugar deserto. Eu apanhei, apanhei muito dos capangas dele, e fui aposentado por invalidez.

— Oh! — Meus olhos encheram de lágrimas e levei a mão à boca. — Papai, eu sinto tanto...

— Não sinta, chuchuzinho. Já passou., Depois daquilo, eu era constantemente ameaçado para queimar os corpos do Depósito.

— E você ainda faz isso, papai?

Ele fez que *não*, mas voltou a falar.

— Há alguns meses, pouco antes de você conseguir o emprego naquele escritório, eu descobri que havia um policial infiltrado. Ele fazia jogo duplo e havia começado a cometer crimes para

PERIGOSAS ACHERON

manter o disfarce. É um caminho sem volta... — Ele suspirou e tossiu. — Enfim, vi a oportunidade de sair do esquema. Em troca da informação sobre a identidade dele, pedi para sair. Como já estou velho, o Cervantes concordou sem muita dificuldade. Depois, você conseguiu o emprego e a nossa situação foi melhorando.

Apertei os olhos e lembrei da minha entrevista de admissão, pensando que realmente havia sido estranha a forma como ele me contratou abruptamente, como se já me esperasse.

— Papai, esse policial...

Seria o parceiro do Paulo?

— Não sei de mais nada. Não posso saber de

PERIGOSAS NACIONAIS

mais nada, vocês não devem saber de mais nada ou estarão em perigo. Eles são muito perigosos, Simone.

— E os jogos? As máquinas?

— É só um bando de ricos que apostava com a vida dos outros — minha mãe falou.

— Não — eu disse, acompanhando a fala com um movimento de cabeça. — Há máquinas, eu sei que há.

— As máquinas são apenas a forma de fazer os moradores se endividarem ao ponto de dever a própria vida — papai interveio. — Sei de gente que morre por falar demais, por lutar de menos, por errar o tiro ao alvo... Sei que um bando de ricos se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reúne em um casarão e joga com a vida dos pobres. Eles são perigosos e não têm qualquer respeito pela vida alheia. Você tem que ficar longe disso, Simone.

— Papai, você precisa depor... Precisa contar isso tudo.

— Não vou arriscar a vida de vocês duas. Jamais. Pode dizer ao seu amigo policial que, da minha boca, ele não vai ouvir nem um pio.

O doutor Carlos tinha tudo muito bem armado. As pessoas mais humildes se endividavam em máquinas viciadas e, então, eram coagidas a participar dos jogos na mansão. Mas não havia provas, nenhuma prova dos crimes que ele ordenou

PERIGOSAS ACHERON

e meu pai não testemunharia.

Aquela noite de sábado para domingo, foi longa. Novamente, não havia conseguido pregar os olhos. Não sei como eu contaria ao Paulo que fora meu pai quem dedurou o policial infiltrado ao Cervantes. Não sei como eu conseguiria explicar que, por causa do meu pai, Roberto, parceiro dele, estava morto.

Por mais de uma vez, fui até a janela. Ele e Palito conversavam e comiam, mas não sorriam. Pareciam tensos demais, alertas para qualquer tipo

PERIGOSAS NACIONAIS

de perigo que pudesse surgir.

De madrugada, liguei para Tatiana. Desde que o Paulo sumira, ela havia se tornado uma boa amiga. E isso era tudo o que eu precisava naquele momento. Certa de que ela me daria informações atualizadas sobre os ânimos dos convidados — e do Maurício — depois que eu saí da Igreja, perguntei sem cerimônias:

— O que aconteceu depois que eu saí?

— O doutor Carlos convidou todos para a festa. Eu fiquei lá só mais um pouco. O Maurício parecia bem, o pai dele falava demais e não aconteceu nada de suspeito.

— O que você acha disso tudo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que faz sentido. As coisas estavam tão claras para nós, que foi até difícil enxergá-las. Agora, parecem ganhar contornos. Como você está?

— Cansada.

— Feliz?

Ficamos em silêncio por uns poucos instantes e foi ela quem o interrompeu:

— Tudo bem. Eu entendo. Fique bem, minha amiga. Vou dormir mais um pouco e passo aí perto da hora do almoço para conversarmos, pode ser? Odeio ficar com a pele cansada e você sabe disso!

Nos despedimos e eu me preparei para dormir. Antes, passei pelo quarto dos meus pais, que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

roncavam profundamente, e olhei pela janela procurando conforto na confirmação de que Paulo estava lá. Afastei um pouco a cortina do quarto, só o suficiente para enxergar do lado de fora. Ele estava sozinho, encostado no muro do outro lado da rua, longe da moto e da luz do poste. Percebi que movimentou a cabeça suavemente e o brilho sutil de suas íris me deram a certeza de que ele me olhava de volta. Meu coração batia rápido e eu acenei. Ele não retribuiu, mas a distância entre nós parecia cada vez menor. Fechei a cortina e entrei, pronta para dormir.

Se meu coração deixasse...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 3

Paulo

Do lado de fora da casa, escutamos todo o assunto. Quando o pai de Simone falou sobre Roberto, algumas peças se juntaram na nossa cabeça — até então, não sabíamos quem tinha descoberto o disfarce e batido para o Cervantes. No mais, tudo fazia sentido e o senhor José passara a ser a testemunha-chave de todo o caso, o passo mais efetivo de todos os outros desde que Roberto fora assassinado e as informações pararam de chegar. O corpo do meu parceiro, que seria necessário para o exame comprobatório, não fora

encontrado e, em seu lugar, um indigente assumiu o papel de prova cabal para as condenações de assassinato que, aliás, não puderam acontecer por conta da Simone.

Eu sabia que ele estava morto — havia muito sangue espalhado pelo cômodo com o DNA do Roberto. Ademais, eu o conhecia e sabia que, se não estivesse morto, nós já teríamos notícias dele há muito tempo. Provavelmente, foi queimado no Depósito pelo cremador que assumiu o lugar do pai da Simone.

— Esquilo e Chiclete, voltem para a festa e não deixem que os suspeitos fujam. Fiquem atentos aos movimentos do *juizinho*. Ele, certamente, não está

limpo nisso tudo. Eu e Palito ficaremos aqui.

Se despediram e, naquela noite, montamos guarda acompanhando os movimentos da casa de Simone.

— Eu aqui, cheio de fome, e ela não traz nada para que eu coma — falei.

Palito riu.

— Eu comeria mais daquele sanduíche — suspirou. — *Bonzão*.

— Maldito — comentei, rindo.

Pouco antes do início da madrugada, mandei Palito descansar e fiquei sozinho. As coisas na casa da Simone se acalmaram e, quando ela apareceu por entre as cortinas na penumbra do próprio

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto, eu quis caminhar até ela e beijá-la até esquecer que o sol nasceria.

Apertei as mãos nos bolsos e puxei o ar, vendo se o oxigênio fazia minha razão segurar meus impulsos. Deu certo.

No dia seguinte de manhã, quando o Palito voltou antes do amanhecer, fui para casa trocar a roupa e parti para a sede da corporação, de forma a esperar o advogado chegar para depor. Mesmo domingo, eu sabia que ele compareceria.

Eu *faria* ele comparecer.

— Esquilo, traz o advogado — pedi em uma ligação curta, instantes antes de entrar na sala do Comandante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom dia, Puma — o chefe me cumprimentou um tanto irritado. Sem afastar os olhos do computador, perguntou: — Finalmente, pegamos o Cervantes?

— Ainda não, senhor. A testemunha se recusa a colaborar.

— Sempre há condução coercitiva.

— Não creio que haverá necessidade, senhor. Acho melhor esperarmos passar o choque.

Meu chefe coçou a testa e rodou sua cadeira até parar perto da janela.

— Achei que você, mais do que ninguém, quisesse encerrar a operação, Puma.

— Eu quero, senhor, mas acho que uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

testemunha hostil pode nos trazer mais problemas do que soluções.

O telefone da sala dele tocou e ele apertou um botão na cadeira.

— Sim — falou para a brisa fresca que entrava pela abertura da janela de sua sala alta.

No viva-voz do aparelho em cima da mesa dele, a secretária anunciou a chegada da Promotora.

— Mande-a entrar — disse e desligou. — Espere para ver o que nos traz, Puma.

Arrumada, como sempre, e batucando aquele maldito sapato pelos corredores, a Gata entrou segurando uma pasta de couro claro com os cabelos presos em um rabo enorme no alto da cabeça. O

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pescoço fino, que para mim parecia o de uma garça, estava rodeado por um aro trançado de ouro.

— Bom dia, senhores — sua voz firme cortou a sala. — Então, Puma, qual é a atualização?

— Bom dia, Gata — respondi secamente.

Ela sorriu e levantou as sobrancelhas.

— Obrigada.

Franzi o cenho e olhei para o Comandante, que deu de ombros. Demorei um pouco a entender do que ela falava. *Gata*, como se aquilo fosse um elogio.

— Não fui eu quem escolheu o apelido — falei impassível. — Enfim, tivemos um evento interessante ontem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós três ficamos em silêncio e ela percebeu que eu não entregaria mais nenhuma informação.

— Achei que estávamos trabalhando juntos — ela disse, me encarando.

— Não tenho mais informações, Gata. Tudo o que sei é o que aconteceu no casamento.

Ela suspirou.

— Você já teve mais moral com ela, não é? — Riu debochada. — Ela me ligou essa noite — falou. — Assim que eu sair daqui, vou para lá. Parece que o pai dela realmente reconheceu o Cervantes e contou para ela tudo o que sabia, mas não quer testemunhar. Está com medo e nós todos sabemos bem que é para ter medo mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Precisamos convencê-lo — falei e ela fez que sim com a cabeça.

— Vou até a casa dela quando sair daqui. Antes, quero assistir ao depoimento do doutor Carlos.

Aguardamos e, pouco antes das 10 horas, o Esquilo chegou acompanhando o doutor Carlos, diretamente encaminhado para uma sala comum de reuniões. Não para a sala de interrogatórios.

— Bom dia, doutor — eu disse, sentando ao lado da Gata. — Vou deixar o interfone aberto para o Comandante.

— Eu não posso falar diretamente com ele?

— Não — respondi secamente e logo voltei a falar. — Ontem à noite, uma testemunha o

PERIGOSAS NACIONAIS

reconheceu como Cervantes. O senhor gostaria de falar alguma coisa.

— Testemunha? — Arqueou a sobrancelha. —
O que ele disse?

— O que o senhor tem a dizer?

— Não sei do que está falando.

Todos nos encaramos e eu apertei as mãos fechadas em punho sobre a mesa.

— O senhor foi reconhecido como Cervantes, o chefe da quadrilha que trabalha com jogos de azar e acusado de muitos assassinados. Temos mais de quinhentas testemunhas disso.

— Desconheço a informação.

— O que o senhor sabe sobre o Depósito?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nada.

— Roberto de Castro, conhecido como Juscelino de Albiano, onde está?

— Não sei quem é.

Todo o interrogatório caminhou desta mesma forma. Ele negou tudo, não acrescentou nada e a Gata, sentada ao meu lado, se limitou a encará-lo apertando as sobrancelhas. Toda a encenação não durou mais do que quinze minutos e foi absurdamente infrutífera.

No fim das contas, não tínhamos provas além do apelido gritado no momento de tensão — e que a testemunha se recusava a ratificar.

Assim que tudo acabou, a Gata foi para a casa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de Simone acompanhada de Esquilo, que renderia o Palito. Este renderia o Chiclete na cola do doutor Carlos, a quem não deveria perder mais de vista. Eu, por outro lado, precisava dormir algumas poucas horas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 4

Simone

O dia amanheceu e eu parecia uma coruja. Estava preocupada com o meu pai, aflita com os desdobramentos. Conseguia sentir tudo, inclusive um grande alívio por não ter precisado casar com Maurício.

Maurício! Será que eu precisava ligar para ele?

Claro.

E por que ele mesmo não havia me ligado?

Pouco depois de tomar café da manhã, tomei um banho e fui levar algo para Paulo comer do lado de fora. Apenas Palito estava lá, dentro de um carro

bem velho.

— Onde está o Paulo?

— Diligências, senhora — respondeu com uma voz imponente e seca que eu lembrava bem da primeira vez que fui ao Armário.

Balancei a cabeça concordando.

— E você? Como está? Parece que trabalhou a noite toda...

— Senhora, não posso conversar ou vai comprometer a vigília.

— Eu não casei, sabe? Sou uma *senhorita* — brinquei tentando aliviar a tensão.

— Para mim, é casada, senhora.

Concordei, entreguei a comida e o café para ele

e me despedi com um aceno de cabeça. Quando estava voltando para dentro, vi o carro do Maurício estacionar.

Ele desceu, imponente como sempre, e me cumprimentou, olhando de canto de olho para o policial que falava comigo. Caminhei até o meu ex-noivo e apontei para a porta da minha casa, convidando-o a entrar.

— Quem é? — ele perguntou, fazendo um movimento leve de cabeça para o Palito.

— Um amigo — respondi. — Vamos. — Apontei para a porta.

Tão logo abri, entretanto, meu pai surgiu com um rosto de poucos amigos e seu cigarro de rolo

pendurado nos lábios.

— Saia daqui, Maurício Correa. Minha filha não tem mais nada com você — disse quase empurrando o juiz para fora de casa.

De forma a não proporcionar outro espetáculo para os conhecidos, preferi fingir que não ouvi e apoiei a mão no braço dele para que entrasse. Então, fechei a porta.

— Senhor, creio que precisemos conversar — o Maurício começou a dizer em tom diplomático. — O senhor fez uma acusação muito séria ao meu pai ontem no meio de uma multidão e saiu arrastando a minha noiva para fora da Igreja. Fiquei plantado lá...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei a qual acusação se refere. Eu só disse que, com você, ela não casa — o velho senhor José Claudio mentiu descaradamente.

Eu o entendi. Ele não falaria mais naquilo. Meu pai queria garantir a minha segurança e da minha mãe. Se ele continuasse repetindo que o doutor Carlos é o Cervantes, não teria como ficarmos tranquilos.

Maurício, todavia, apertou os olhos para ele e forçou a confissão.

— O senhor o chamou de Cervantes.

— Não me lembro — meu pai disse. — Agora, vá embora. O casamento está cancelado.

A campainha tocou e imaginei que seria o Paulo.

PERIGOSAS ACHERON

Meu coração disparou com a perspectiva de um embate entre os dois. Olhei para o meu pai, que trincou os dentes.

— Esta casa está movimentada demais — ruminou.

A surpresa de encarar a Tatiana me desestabilizou. Percebi que os olhos dela varreram minha casa e pararam direto no Maurício, que a cumprimentou com um aceno de cabeça imperceptível.

— Como vai, Promotora — ele falou com seu jeito superior e firme de sempre.

— Bem, Excelência. E o senhor? — perguntou retoricamente. — Simone, senhor José, como vão?

PERIGOSAS NACIONAIS

Posso entrar? — quis saber diretamente do meu pai.

— Entre, minha filha. O juiz já está saindo — papai respondeu.

Maurício puxou o ar e segurou minha mão.

— Precisamos conversar, amor. Pode me acompanhar até lá fora?

Dei um aceno de cabeça para o meu pai e, sem esperar ele dizer que não, saí com o Maurício. Eu me sentia relativamente segura, já que o Palito estava do lado de fora. Todavia, tão logo coloquei os pés no jardim, não o vi mais. No lugar onde estivera, outro veículo, bem chique, com vidros escuros parecia ter montado guarda.

Esquilo, pensei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Havia um carro parado logo atrás do blindado do Maurício com dois homens de terno azul de pé do lado de fora.

— Você os conhece? — perguntei a ele.

— São seguranças que o Tribunal colocou para mim. Ou, então, são apenas espiões.

Fiz que sim com a cabeça e ele voltou a falar:

— Simone, não sei o que houve com o seu pai ontem, mas precisamos convencê-lo a permitir o nosso casamento.

— Infelizmente, nosso casamento está mesmo cancelado, Maurício. Não só pelo meu pai. Eu realmente não quero casar com você. — Soltei o ar envergonhada. — Desculpe. Demorei, mas é isso.

PERIGOSAS ACHERON

Acho que meu pai deve ter conseguido a coragem que eu não consegui.

Ele ficou quieto, com ambas as mãos nos bolsos da calça, com todo o seu autocontrole fluindo pelos poros, e se limitou a me encarar.

— Maurício, me desculpe mesmo. Eu-eu não devia ter aceitado o casamento.

— Eu não devia ter pedido, não é mesmo? Acho que sempre soube que seu coração não era meu. — Levantando a mão, passou pelo meu rosto a ponta dos dedos e piscou um dos olhos. — Eu gosto mesmo de você, Simone, acredite nisso.

Balancei sutilmente a cabeça concordando, mas ouvindo um clamor alto dentro da cabeça negando

aquilo. Me despedi dele certa de que a sua tranquilidade era o reflexo puro de que ele, a despeito de insistir no assunto, não queria casar comigo. Quando entrei, meus pais conversavam com a Promotora na sala.

— Oi, Simone, estava aqui conversando com o seu pai sobre a necessidade de ele testemunhar. Ele já me contou o que aconteceu. Na verdade, as informações dele não *acrescentam* muito ao que já temos. É útil, todavia, para reconhecer o Cervantes.

Um estalo do lado de fora e todos nós corremos. Estirado no chão ao lado do próprio carro, Maurício sangrava desacordado. O veículo estranho que estava parado atrás havia sumido e o carro

PERIGOSAS NACIONAIS

importado de Esquilo continuava parado, como se nada tivesse acontecido.

Corri até o Maurício e gritei para o meu pai chamar uma ambulância. Depois, corri até o policial e bati desesperada no vidro.

— Abre! Abre!

Esquilo não abriu e não se mexeu. Peguei o telefone e liguei para o Paulo.

— Aconteceu alguma coisa — eu disse antes mesmo de ouvir o alô sonolento dele. — O Maurício tomou um tiro e o Esquilo não abre o carro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 5

Paulo

A ligação de Simone me acordou pouco depois que fechei os olhos. Eu estava cansado, tinha acabado de tomar banho e comer um macarrão instantâneo, mas o toque diferenciado que atribuí a ela foi o suficiente para que eu despertasse. Pulei da cama, vestindo uma calça jeans e camisa polo, peguei o capacete, uma jaqueta jeans e subi na moto já ligando para o Esquilo, que não atendeu à ligação. Palito, entretanto, respondeu rapidamente ao primeiro toque.

— Fala, chefe.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aconteceu alguma coisa na Simone. O juiz levou um tiro e o Esquilo está mudo.

— Vou *pra* lá.

— Não. Liga pro Chiclete e fica na cola do Cervantes.

Desliguei e corri pelas ruas como um louco, preocupado com Simone e com o companheiro de operação. Cheguei em pouco mais de quinze minutos e a ambulância já recolhia o juiz desacordado. Simone mostrava-se um pouco assustada e a Gata estava ao telefone do outro lado da rua, andando em círculos e gesticulando. Os pais de Simone, abraçados na porta da casa, pareciam perdidos.

PERIGOSAS ACHERON

Olhei para o importado de Esquilo e não percebi qualquer movimento estranho. Encostei na porta e arrombei, sem sequer tirar as luvas de couro, me deparando com o policial desacordado, sangrando no ombro e com um hematoma no rosto. Um filete de sangue escorria de seu nariz, me levando a crer que um soco bem dado foi desferido em seu rosto. Empurrei o corpo dele para o lado e entrei, sem falar com ninguém, acelerando o carrão direto para o *flat*.

— Doutora Juliana? Um companheiro foi ferido no ombro. Estou levando para o *flat*.

Desliguei sem esperar resposta. Eu estava preocupado com ele, logicamente, mas não podia

PERIGOSAS NACIONAIS

carregá-lo para o hospital. Com sua identidade descoberta pelos Caveiras — que, logicamente, haviam atirado nele — deixá-lo exposto poderia realmente acabar com a vida dele. Meu telefone tocou e o Palito reportou a localização do Cervantes, que parecia alheio ao atentado do filho.

— Ele segue na própria casa. Não saiu e não entrou ninguém — disse.

— Esquilo foi abatido. Estou levando *pra* um lugar seguro. Fica na cola do...

— Troca de carro, parceiro — falou, me interrompendo.

— Como?

— Esse carro que você está, o do Esquilo,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

devem ter colocado rastreador. Troca de carro.
Pega meu Fusca.

Bati no volante e disse:

— Vou trocar. Pego um outro qualquer.

— Vai roubar, irmão? — perguntou insinuando muitas coisas.

Não respondi. Parei em qualquer lugar mais deserto, abri o primeiro carro que achei, carreguei o Esquilo e parti. Depois eu me entenderia com o proprietário.

Cheguei no apartamento da doutora preocupado com a rouxidão dos lábios do parceiro. Além de ter sido carregado, ele havia perdido sangue *sabe-se-lá* por quanto tempo antes de eu chegar. A doutora já

PERIGOSAS ACHERON

havia chegado e, acompanhada da dona Di, não tardou a colocar o Esquilo em uma cama para tirar a bala que, por sorte dele, saíra do outro lado.

— Ele perdeu muito sangue. Vai precisar de transfusão e não tenho aqui. Já contive o sangramento, mas ele precisa de outro tipo de tratamento. Vou pedir uma ambulância e...

— Ele não pode ir para o hospital, doutora.

Ela suspirou e coçou a testa.

— Aquela clínica da mocinha bonita. Ela não é irmã do seu amigo? Manda trazer o sangue *pra* cá.

— Vou complicar a moça e não quero que ela saiba onde estamos.

— Se vira, Paulo. Esse rapaz precisa de sangue.

Manda trazer do O, porque não sei o tipo dele.

Liguei para o Palito que ficou um tanto irritado por eu envolver a irmã dele. Em cima de uma moto, deixou o Chiclete na cola do Cervantes e fez o serviço de entrega, chegando ao *flat* em menos de uma hora com um isopor cheio de sangue.

Tão logo abri a porta, os olhos do meu companheiro caíram sobre a doutora Juliana. Sem dizer uma palavra, ele a encarou e acenou com a cabeça. Certamente lembrou de quando ela me visitara na clínica para onde ele me levou depois de me tirar da mão dos Caveiras — clínica de onde sumi sem deixar rastros.

— Como vai, meu jovem? — ela disse sorrindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus cabelos brancos, presos em um rabo de cavalo, estavam bem arrumados e seus olhos já contavam com uma auréola da catarata.

Sem responder, ele acenou com a cabeça e apertou os olhos na minha direção. O clima estava tenso, mas a minha maior preocupação era Esquilo.

Dona Di, quase tão velha, arregalou os olhos quando viu o Palito, um homem certamente amedrontador. Sacudindo o corpo de um lado para o outro, serviu uma bandeja de café e biscoitos murchos que ela achou no armário da cozinha daquele lugar, vazio há alguns meses.

— Bom, o rapaz que vai ficar aqui, qual é o nome dele? — a doutora me perguntou finalmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Palito me olhou e eu, ignorando qualquer desconfiança dele, respondi:

— Marcelo.

— Muito bem, o Marcelo vai ficar aqui e vocês vão embora. Vamos! Xô! Xô! — Espantou a gente com a mão, abanando na direção da porta como se eu e ele, dois homens parrudos, fôssemos grãos de poeira. — Paulo já sabe como funciona o *flat* e essa minha — olhou ao redor dando de ombros — clínica improvisada. Que o Conselho não me escute... — disse para si mesma. — A Edith vai cuidar do doente e eu venho vê-lo esporadicamente. Vocês, fora!

Sem mais nada a fazer ali, restava esperar o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esquilo acordar. Quando descemos pelo elevador, disse para o Palito onde deveria deixar o carro que eu havia *furtado* e trazer de volta o importado do nosso companheiro ferido.

— Vou deixar na frente da casa da Rainha — falou.

— Não — fui incisivo, temendo as mil possibilidades de problemas que um carro ensanguentado na porta da casa da Simone poderia gerar. — Larga em algum desmanche.

Foi o melhor que consegui pensar, infelizmente. Palito sorriu.

— Acho que, agora, nós cometemos crimes, não é, chefe?

PERIGOSAS ACHERON

Trinquei os dentes.

— Porra nenhuma! — falei e, coçando a cabeça, completei: — Ok. Leva *pro* estacionamento da Corporação e manda vasculharem as digitais.

— É melhor mesmo.

Saí dali e fui, com a moto do Palito, para a casa da Simone, onde os pais dela escondiam-se trancados atrás das cortinas e janelas gradeadas.

Desmontei e caminhei sem vacilar até a porta. Já era noite de domingo, mas o perigo estava cada vez mais perto deles e não poderia mais adiar a conversa. Eles precisavam perceber que eu não estava com medo e, mais do que isso, que havia urgência naquele depoimento. Talvez, assim, o pai

dela concordasse em dar um testemunho oficial.

CAPÍTULO 6

Simone

O hospital estava silencioso, pelo menos na ala para onde levaram o Maurício, e a presença de Tatiana ao meu lado era até reconfortante. Ela não falava muito. Apenas olhava para os lados esperando que alguém chegasse.

O pai dele, talvez.

A operação demorou muito mais do que os meus nervos suportariam e a tensão para saber se ele ficaria bem martelava com a angústia pela falta de notícias do Esquilo. Pelas janelas envidraçadas, eu vi o sol adormecer para que a lua guardasse a noite.

A luz prateada banhou o corredor e eu, que jamais me sentira muito romântica, quis chorar.

Não, eu não amava o Maurício, mas certamente não queria mal a ele. Era uma pessoa boa, um homem de bem que não merecia o fatídico destino de ser o filho do Cervantes.

A despeito de ter ouvido a moto do Paulo chegar na minha casa, eu estava tão envolvida com a ambulância que viera recolher o Maurício que nem vi o que aconteceu depois. Quando dei por mim, o carro do Esquilo estava sumindo na esquina e a moto do Paulo, estacionada na calçada, estava vazia.

— Ele vai ficar bem, Simone. Duvido que

PERIGOSAS NACIONAIS

alguém mataria o filho do Cervantes — ouvi a voz da Tatiana ao meu lado.

Ela falava mais baixo do que o comum e eu, então, apoiei a cabeça em seu ombro.

— Tinha dois seguranças com ele... Não é possível que eles não tenham visto.

Passando a mão na minha cabeça, ela acariciou meus cabelos, penteando-os com os dedos.

— Acho que a quadrilha começou a se desestabilizar. Provavelmente, atiraram apenas para assustar seus pais ainda mais. Não é nada fatal, acredite em mim.

Uma, duas, três horas depois e o médico finalmente saiu da sala de cirurgia. Levantei

PERIGOSAS ACHERON

correndo do banco gelado e parei à frente dele.

— O familiar... — insinuou, olhando para a Tatiana.

— Eu sou a noiva — falei incisiva, sob o escrutínio da Promotora que limitou-se a concordar.

— Sou Promotora. Ela é a noiva. — Mostrando a carteira, fez o médico soltar a língua.

Por sorte, Maurício ficaria bem, mas demoraria um bom tempo para acordar devido à quantidade exorbitante de anestesia que tomou e a quantidade de sangue que havia perdido.

— Vamos, Simone, eu levo você. — Tatiana me empurrou para fora do hospital e me enfiou na *pick-up* que dirigia.

No caminho para o meu bairro, eu ainda parecia um pouco apoplética pelo atentado. Percebi que tremia e ainda usava as roupas simples de ficar em casa, um short e uma camisa de malha. Ao lado dela, sempre muito arrumada, eu parecia uma moradora de rua. Tatiana colocou a mão sobre a minha.

— Ele vai ficar bem, Simone — tentou me consolar.

— Eu-eu não entendo. Por que atiraram nele?

— Acho que só vamos descobrir quando ele acordar.

Ela deu de ombros e continuou dirigindo. A todo momento, eu olhava para o retrovisor, imaginando

que estava sendo seguida ou algo pior.

— A pista do cassino, será que esfriou? —
perguntei, mudando de assunto.

— Aquela casa, eu consegui descobrir, pertence
ao outro filho do doutor Carlos. Eles usavam para
festas e eventos íntimos.

— Entendo... Mas e a tal saída para a
comunidade?

— Fecharam?

— E as máquinas?

Ela suspirou.

— No dia do seu casamento, quando todos
estavam na festa, a saída na comunidade foi
incendiada. Acho que todas as máquinas torraram

lá.

— Ninguém viu? Não tinha ninguém de tocaia lá?

— Não. Os Sombras estavam na porta da sua casa e na festa, seguindo o doutor Carlos, o Maurício e algumas outras pessoas de interesse.

— E o Frederico e a Viviane, Tatiana?

— A Viviane segue na operação, mas saiu do escritório. E o Frederico foi realocado para administrativo, porque vacilou com o Puma.

— Vacilou?

Ela sorriu.

— O Puma odeia pessoas que não são confiáveis, algo a ver com *parcerias*,

companheirismos, parceiros, sei lá. O Frederico tentou apontar para a Viviane. No fim das contas, era o próprio doutor Carlos quem conseguia as informações limpas. Ele não tinha informante, entende?

Fiz que sim com a cabeça.

— Posso ser sincera, Simone?

Eu a olhei e franzi o cenho.

— Para mim, o Puma ainda é apaixonado por você.

Eu ri desalentada e olhei para fora novamente, vendo que a minha casa se aproximava. Tatiana deu de ombros.

— Se precisar, me liga — completou.

PERIGOSAS NACIONAIS

A moto do Paulo ainda estava parada no mesmo lugar e, perto dela, a que eu já reconhecia como sendo do Palito.

— Acho que o Palito está aqui.

Ela puxou o ar.

— Não o conheço. Amanhã, se você quiser voltar para o hospital, eu vou com você. Preciso ir em casa tomar um banho e tirar esse fedor de remédio com álcool com sangue com aldeído, sei lá... Esse cheiro horrível de doença que impregnou no meu corpo naquele lugar nojento.

— Decididamente, você não gosta de hospital.

Ela riu.

— Odeio vermes, germes e tudo isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desci do carro e entrei, mas foram precisos só alguns passos para que eu percebesse que, na verdade, dentro da minha casa, era o Paulo quem estava. Não o Palito.

— Voltei — disse, fechando a porta atrás de mim.

Sentado no sofá, Paulo bebia um copo de água e sacolejava a perna.

— Demorou — comentou, me fazendo arquear a sobrancelha.

Meu pai o encarou e antes que eu pudesse puxar o ar para dizer qualquer coisa, falou.

— Simone, quero que você se afaste de tudo isso. Vá embora. Suma. Outra vida.

PERIGOSAS ACHERON

Arregalei os olhos.

— Como?

— Eu estava conversando com o policial e quero que você vá embora da cidade até que isso tudo termine em definitivo. Você viu o que aconteceu. E o outro homem que ficava vigiando lá fora também levou um tiro. Você vai embora.

Paulo concordou com a cabeça e, na mesma hora, eu me irritei.

— Papai, percebe a sandice? Eu jamais vou fugir. Fiz faculdade para lutar contra injustiças e você quer injustiça maior do que matar pessoas apenas por diversão? Não estamos no Coliseu, oras! Eles não podem brincar com a vida dos

PERIGOSAS NACIONAIS

outros, colocando-os para lutar entre si e... — disse abruptamente e me arrependi, já que aquela era uma das informações que meu pai havia confidenciado no dia anterior. Depois, certa de que era tarde demais, suspirei e voltei a falar: — O que pode ser mais perigoso do que o medo?

— Chuchu, não quero que você se machuque...

Ouvimos o Paulo rir baixinho e nós três, eu e meus pais, voltamos os olhos para ele.

— Eu concordo com o seu pai, *chuchu* — disse piscando para mim.

— Só eu a chamo assim, infeliz — rosnou o velho senhor José Claudio, enrolando mais um cigarro nas mãos e tossindo com o aroma forte que

PERIGOSAS ACHERON

o fumo trazia.

Paulo levantou as mãos em rendição.

— Não entendo como você pode estar tão tranquilo, Paulo — comentei. — O Maurício levou um tiro, o Esquilo levou um tiro...

— Ambos já estão medicados. Levar tiro faz parte do que o Esquilo assinou e o Maurício, bom, cedo ou tarde alguém ia querer apagar ele. É um homem de muitos inimigos. Me admira que não tenha morrido ainda.

— Paulo! — gritei indignada, colocando as mãos na cintura, ainda de pé a poucos passos da porta de casa.

— Ah, Simone, convenhamos. Ele é filho do

PERIGOSAS NACIONAIS

bandido e eu nem estou convencido de que ele mesmo não é bandido, e assumiu a Vara para onde os crimes que o *papaizinho* dele queria acobertar eram enviados. Você achou mesmo que ele ia ficar imune ao perigo?

Rangi os dentes e ele levantou, se aproximando de mim.

— O fato é: *antes eles do que você* — murmurou, achando que meu pai não ouviria.

— Nisso, eu concordo — meu pai comentou, dando uma baforada no cigarro e fazendo a fumaça subir.

— Eu não vou deixar que ela se machuque, senhor — Paulo afirmou, virando para papai.

PERIGOSAS ACHERON

— Você? — Meu pai gargalhou. — E não foi exatamente você quem a colocou nesse buraco?

Paulo respirou fundo.

— Não, senhor. Ela foi ao escritório e, pelo que sei, o Cervantes a contratou para manter um elo com o senhor — ele disse, nos surpreendendo. — De toda forma, quando concordei em ser o orientador dela no escritório, eu queria realmente protegê-la, queria ficar perto dela a maior parte de tempo possível para evitar que algo acontecesse a ela. Só não imaginei que Simone cairia na própria operação que eu comando. Até isso parece ter relação com o seu passado, senhor.

Papai trincou os dentes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O senhor sabe que não minto — Paulo completou, imaginando que seu excesso de sinceridade agradaria ao meu pai.

— Eu não sei de diabo nenhum, maldito, mas desde que você e sua moto barulhenta vieram para cá, minha filha virou alvo. Ela queria ser advogada e resolver problemas de crianças. Por que ela está no meio do crime?

— É uma resposta que o senhor tem.

Limpei a garganta e levantei a sobrancelha, fazendo ele me encarar.

— E como você sabe disso?

Paulo trincou os dentes.

— Ok, boneca. Não vou mentir mais. — Bateu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

continência para mim e voltou a olhar para o meu pai. — Fui eu, senhor, que fiz a Simone correr perigo. E, acredite, eu tentei tirar ela da operação, mas o Comandante preferiu me tirar quando eu disse que, se ela ficasse, eu saía. Então, senhor, vou voltar com os Tigroj para a cola da Simone e eu mesmo vou ser o Sombra dela. Em troca, preciso das informações que o senhor tem.

— Espera aí! — interrompi. — Quem diabos são os Tigroj?

— Minha família — ele falou. — São os únicos homens em quem confio a vida. Bom, além dos meus companheiros. — Deu de ombros. — O doutor Carlos não vai encostar na Simone com os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tigroj por perto. Precisamos do seu testemunho, senhor, para confirmar que ele é o Cervantes.

— Rapaz, compreenda: você pode até ressuscitar o John Lennon e colocar ele dançando Conga com a Gretchen na minha frente que não vou abrir o bico. Não confio em você. Simone e minha esposa são tudo o que tenho no mundo e, se algo acontecer com elas por sua causa, eu mesmo coloco você no Depósito.

Paulo franziu o cenho para ele e disse de forma reticente:

— Que o senhor sabe onde é...

Sem perceber, papai acabara de dar mais uma informação. Apesar de não parecer surpreso com

PERIGOSAS ACHERON

aquilo tudo — o que me levou a acreditar que ele havia grampeado minha casa —, Paulo parecia satisfeito por meu pai começar a relaxar na sua presença.

— O senhor sabe onde é o Depósito? — Paulo frisou, perguntando com todas as letras.

Meu pai apertou o cigarro entre os dedos.

— Não — ele mentiu.

Eu soltei os ombros e suspirei desanimada.

— Papai, é importante que o senhor conte ao Paulo o que sabe.

— Chuchu, esse cara está enganando você. Não tem como garantir a sua segurança. — Ele segurou meus braços e me fez encará-lo. — Como você

pode confiar nele?

Puxei o ar profundamente e olhei para o Paulo.

— Eu só confio, papai. Não tem razão, não tem motivo...

Papai me soltou de novo e virei de frente para o Paulo, que sorria vitorioso.

— Paulo, quantas vidas vale a minha vida?

Ele entendeu do que eu estava falando.

— Uma — respondeu e eu franzi o cenho. — Sua vida vale mais do que a minha — ele me encarou e percebi algo passando nos seus olhos, uma sombra de um sentimento que imaginei haver sumido.

O telefone do Paulo vibrou no bolso e ele levou

a mão ao ouvido.

— Como? — perguntou irritado. — Malditos!
— rugiu e desligou com violência, fazendo um sinal para que eu ficasse quieta. Pedindo papel e caneta, anotou um bilhete que me assombrou.

Os Caveiras pegaram o grampo da sua casa no carro do Esquilo.

Não comente, não fale. Vou mandar buscarem vocês para um lugar seguro daqui a duas horas.

Engoli em seco e mostrei o bilhete para o meu pai, que dilatou as narinas para o Paulo, ainda irritado. Minha mãe, que havia ficado em silêncio até aquele momento, foi a primeira a falar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vá embora, rapaz. Não temos nada a conversar.

Paulo anuiu, satisfeito por ela ter conseguido captar no ar a necessidade de afastar a possibilidade de o meu pai testemunhar para quem quer que ouvisse a escuta do Esquilo. Estaríamos em risco, se assim não fizesse.

— Eu preciso ir. Meu companheiro não parece bem. Mas pense, senhor. Acho que o senhor deveria testemunhar.

Virou e colocou a mão na maçaneta. Antes de abrir a porta, olhou para trás e me encarou.

— Mais do que a minha vida, Simone. Não esqueça nunca mais disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 7

Paulo

— *Você estava pensando com qual sentimento, PC? — meu pai perguntou pouco depois de eu me envolver em mais uma briga de rua.*

— *Com o ódio — respondi sem pestanejar.*

— *Meu filho, o ódio não nos cega. Ele altera a nossa percepção. Lembre-se, sempre, nem todo sentimento que comanda as nossas ações é amor.*

Já era noite e saí da casa da Simone soltando

fumaça. *Como pude ser tão descuidado?* Com tudo o que havia acontecido, sequer pensei na possibilidade de terem levado a escuta do carro do Esquilo. Para piorar, só o meu companheiro sabia onde os grampos estavam instalados. E, bom, não sei quando ele poderia desarmar os aparelhos.

— Amador! — ruminei para mim mesmo. — Eu não sou um amador, mas estou me comportando como um.

Subi na moto e parti na direção da casa dos meus pais. Meu irmão mais velho abriu a porta, me fazendo lembrar que era domingo à noite e, por isso, a família toda estaria reunida.

— PC? Achei que não vinha — ele falou,

PERIGOSAS NACIONAIS

abrindo os braços para mim.

— Fala, Marreta — retribuí o abraço e o apelido carinhoso, conferido a ele depois que destruiu um carro com a marreta do meu pai. — Como vão todos?

Apontando com a cabeça para a garagem, meu irmão foi na frente e eu o segui, pronto para encontrar os irmãos.

— Pai? — disse assim que entrei, caminhando para o freezer e pegando uma garrafa de água no meio das muitas diferentes marcas de cerveja.

Todos me cumprimentaram com acenos de cabeça e levantaram as próprias garrafas no *drink* suspenso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso de ajuda de novo — eu disse.

— Onde?

— Na casa dela.

— Combinado — o Tigro mais antigo respondeu.

— Velho? — me dirigindo ao meu pai pelo vocativo mais carinhoso que conhecia, fiz ele me olhar.

Papai sorriu e devolveu:

— Velho é você. O que é?

— Tem escuta e eles podem saber dos irmãos.

— Não esquentar, PC. Somos Tigroj, não crianças.

Todos concordaram e, simples assim,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

organizaram o esquema alternado de vigília, que permitiria — a mim e aos meus colegas — um pouco de descanso.

— Acredito que não precisamos mais conter você.... — um irmão insinuou.

Eu sorri e eles compreenderam. Fiquei mais algum tempo ali, comemorando a semana que havia passado com os Tigroj — e comemorando que a Simone não havia casado no dia anterior.

E pensar que o casamento havia sido no dia anterior!

Fiquei na casa dos meus pais e, no dia seguinte pela manhã, parti para o *flat*.

— Chiclete, e o Cervantes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em casa. A Viviane colocou grampo no celular dele, você sabia?

— Não — estranhei a informação que eu não tinha. — Por que ela não me avisou?

— Acho que queria mostrar serviço.

— Mostrou insubordinação — devolvi irritado.

— Ele não foi ver o filho?

— Não.

— Estranho.

— E o escritório?

— Fechado.

Ficamos quietos. Chiclete, então, decidiu falar:

— Chefe, acho que o *juizinho* impediu que invadissem a casa da Rainha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Porra nenhuma — respondi abruptamente. —
Aquele maldito é covarde demais *pra* isso.

Ouvi a respiração do Chiclete do outro lado e desliguei.

— Palito, na escuta?

— Fala, chefe. Já estou na cola da Rainha.

— Certo.

— Puma? O Chiclete me falou. O juiz impediu que invadissem a casa da Rainha, não é?

Engoli em seco. O maldito *juizinho* de merda ia posar de herói para a Simone e sair ileso da investigação.

— Porra nenhuma. Aquele cretino é bandido. Isso é tudo armação, porra! — gritei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Palito riu e desligou. Pouco tempo depois, cheguei no *flat* e subi pelo elevador martelando o dia anterior que tive, cheio de *atividades e eventos*.

— Fala aí, dona Di — cumprimentei com um beijo na testa a senhora que cuidava do Esquilo. — Como ele está?

— Dormindo. Parece bem. *Sereninho*.

— Vai fazer buchada *pro* almoço?

Ela sorriu e olhou para a cozinha, de onde saía o cheiro que empestava o ambiente.

— Mas acho que ele não vai comer tão cedo.

— Fiz *pra* você, menino. Eu sabia que ia voltar aqui e está magricelo demais.

Eu ri e me joguei na rede da varanda, ouvindo o

PERIGOSAS ACHERON

mar bater.

— Não está fácil, dona Di.

— Nunca é, menino. Não se acertou com a amada?

Cocei a testa e fechei os olhos.

— Vou descansar meia hora. Só meia hora, *tá?*

— Claro, filho. Descanse. — Ela foi para a cozinha terminar a comida. Claro, eu não dormi meia hora, mas duas horas e só acordei com o meu telefone mostrando um número não identificado.

— Paulo?

— Simone? — perguntei, assustado com os barulhos no fundo. — Onde você está?

— Telefone público do hospital. Eu-eu quero

ajudar na operação.

Cocei a testa.

— Não sei como, Simone.

— Posso descobrir onde é o novo cassino na comunidade. Ainda conheço algumas pessoas lá e...

— Não — interrompi abruptamente. — Eu vou buscar você. Fique onde está.

— Não, eu preciso voltar *pra* casa. Meus pais vão ficar preocupados. Eu vou até lá amanhã e...

— Porra nenhuma! — gritei, já de pé passando a mão na chave da moto.

— Paulo, eu não vou ficar parada vendo as pessoas sofrerem atentados tentando me defender.

— Defender? Do que você está falando?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do Maurício. Ele acordou e me contou o que aconteceu. Eu vou investigar também.

— Você não pode. Eu posso mandar prender você por obstrução!

Simone ficou em silêncio e, então, respondeu com altivez:

— Você não teria coragem. — Ela desligou.

Esfreguei o rosto irritado, fui até a dona Di, que sorriu com a marotagem de quem sabia que eu deveria ter acordado bem antes.

— Me deixou dormir demais, dona Di — eu disse com um tom amigável.

— Estava esperando a comida ficar pronta.

— Preciso sair, dona Di. Eu volto depois.

PERIGOSAS ACHERON

Ela suspirou e, com toda a sabedoria que a idade lhe proporcionava, afirmou:

— Algumas decisões não são nem boas nem ruins, menino. São apenas necessárias. Pense nisso.

Conferi de novo o estado do Esquilo e parti em direção ao meu apartamento.

— Chefe? — Palito me ligou. — A Rainha foi no hospital com a Gata e já voltou. Sigo aqui.

— Ela me ligou cheia de decisões. *'Tá* achando que vai voltar a investigar. Estamos em um momento delicado, Palito. Quase um xeque-mate.

— Puma, às vezes só as jogadas arriscadas podem resolver um impasse. O Cervantes nunca vai imaginar que a Rainha vai entrar de novo. Podemos

fazer ele acreditar que ela foi embora ou que o pai dela não vai colaborar. Talvez, a escuta ter ficado ligada na casa deles não seja tão ruim. Você e ela podem brigar feio, por exemplo.

— Palito, perceba a sandice. Você acha que aquele burro velho vai acreditar nisso? É idiotice!

— De tão idiota que é o plano, pode ser que ele acredite. Me arrisco a dizer que ela deveria posar de apaixonada pelo filho dele e...

— Porra nenhuma!

Desliguei na cara do Palito antes mesmo de ele concluir aquele raciocínio. *Voltar com o Maurício?*

— Porra nenhuma! — repeti.

Minutos depois, já estava montado na máquina e

costurava o trânsito na direção da casa da Simone.

— Porra nenhuma! — gritei. — Ela é minha! —

As palavras ficaram abafadas dentro do capacete e terminaram entrando pelo meu próprio ouvido.

CAPÍTULO 8

Simone

Desliguei o telefone do hospital e fui para casa martelando as informações que o Maurício havia contado na noite anterior no hospital. Se aquilo fazia algum sentido, eu só poderia supor que o pai dele era uma pessoa muito pior do que já imaginava. E, a bem da verdade, só conseguia pensar coisas péssimas sobre ele.

Almocei com os meus pais em um silêncio incomodamente sepulcral, troquei de roupa e me preparei para *investigar*. Tão logo coloquei os pés para fora de casa, procurei Palito e dei de cara com

o Paulo ao lado dele comendo — para variar — e conversando amigavelmente sentados nas respectivas motos. Fiz um sinal com a cabeça e virei em direção ao ponto de ônibus, mas poucos metros depois, Paulo parou do meu lado fazendo aquele motor ensurdecedor roncar do meu lado.

— Sobe — disse secamente.

Eu suspirei e soltei o ar com força, bastante irritada com ele.

— Estamos parados na rua, Simone. Sobe e vamos conversar em um lugar seguro.

Havia razão no que ele dizia. Arrumei a bolsa no ombro e subi na moto, passando a mão na cintura dele sem apertar demais. Aquela proximidade era

enlouquecedora e comprometia toda a minha razoabilidade.

— Segure direito. Isso não é um triciclo de criança — ele soou irritado e apertei um pouco mais. — Segure, Simone, porque se você cair, eu nem sei o que faço — reclamou e me passou um capacete, agarrando minhas mãos e puxando-as de forma que meu corpo colasse ao dele.

Roncando o motor mais alto do que eu gostaria, arrancou.

— Onde vamos? — perguntei e ele ignorou. Não demorou para que eu descobrisse, todavia.

Descemos da moto na garagem do apartamento do Paulo em silêncio e eu não sei se era a tensão de

PERIGOSAS NACIONAIS

estar ali, no lugar onde estivemos juntos em um passado relativamente distante, ou a tristeza por ele não lembrar de mim, mas eu suspirei.

Eu sei que suspirava demais e sei também que isso poderia soar romântico, mas era tão-somente desânimo e cansaço, misturado com uma grande vontade de jogar tudo para o alto.

Paulo franziu o cenho e me olhou. Aguardávamos o elevador, cada um mostrando o nervosismo à sua maneira. Tão logo o apito soou, ele abriu a porta e eu, ainda muito incerta quanto às consequências daquilo, entrei logo atrás dele. Não era a minha primeira vez ali e o fato de Paulo não lembrar do que tivemos, teoricamente deveria ter

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aliviado o climão entre nós. Mas havia algo, uma faísca que eu não conseguia explicar. Eu sentia que alguma parte dele lembrava de tudo, como a Tatiana já havia dito, como eu mesma havia sentido com aquele beijo poucos dias antes.

Ele encostou no fundo e parei mais perto da porta, de frente para a saída, ereta, rígida e apertando as mãos uma na outra. Ouvi sua respiração pesada atrás de mim assim que o elevador fechou. Encostei na parede lateral e engoli em seco, desviando o olhar para os números do visor, que acendiam e apagavam em um ritmo angustiante. O ar ficou tenso, pesado e, mesmo que o exaustor rodasse sobre nossas cabeças, eu estava

PERIGOSAS ACHERON

com muito calor.

Paulo encostou do outro lado, de frente para mim com as mãos nos bolsos.

Uma gota desceu pelo meio do meu colo e passei o dedo, instintivamente, coçando um pouco o caminho que ela fizera. Não foi de propósito. Eu não pensei em excitá-lo e nem tampouco imaginei que aquilo pudesse despertar a atenção dele, mas quando levantei o rosto, engoli em seco. Meus olhos cruzaram com os dele e suas pupilas destacadas no meio das íris, combinadas ao maxilar tensionado, revelaram que ele não era imune a mim.

Meu coração disparou em uma expectativa

infantil e fui levada a um passado de ansiedade extrema. Mordi os lábios e engoli em seco novamente. Ainda estávamos no quinto andar, distantes do décimo nono, e tive certeza de que não chegaríamos nem ao sétimo. Nos encaramos por alguns instantes e o ouvi gemer, fechando as pálpebras com força e apertando-as com o indicador e polegar.

— Você emagreceu — disse baixinho, quase sussurrando.

Não respondi.

— Não tem se alimentado? — perguntou, finalmente abrindo os olhos.

Puxei o ar antes de responder:

— Não imaginei que você soubesse quantos quilos eu peso.

— Atualmente, uns 80.

— 83, da última vez que me pesei — sorri levemente.

— Emagreceu de propósito? — Olhou de novo para mim, apertando as sobrancelhas.

— Maurício pediu. — Dei de ombros, justificando a dieta com o pedido do ex, surpresa com as minhas próprias palavras.

Franzindo o cenho, notando a friabilidade da coisa. *Eu realmente havia emagrecido a pedido do Maurício?*

— Maldito — ele sussurrou e fingi que não

ouvi.

Seguimos em silêncio, mas minha cabeça martelava a certeza de que ele lembrava de tudo. Preferi seguir na farsa. *Por que ele não me falava a verdade?*

— Ah, sobre a escuta... — eu disse, mais para mim mesma do que para ele, pensando se aquele seria um assunto adequado para aliviar as tensões.

Paulo franziu o cenho.

— O que tem?

— Estava pensando se eu estou grampeada de novo. Vocês não pegaram o meu celular novo e tem o grampo na minha casa, do que aliás eu não sabia... — Apertei os olhos para ele esperando a

explicação que, logicamente, não viria.

— O grampo não está mais no celular.

Franzi o cenho e ele deu de ombros, cruzando os braços à frente do corpo e voltando a falar:

— Até acabar o caso, você está grampeada. Indiscutível.

— Então, se eu disser a senha, vai aparecer alguém aqui?

Ele pendeu a cabeça.

— Meus melhores homens estão realocados, mas sempre tem pelo menos um atrás de você. Ai dele se não aparecer.

Eu ri baixinho, sem nem saber direito por que havia ficado tão feliz com aquela *proteção*

PERIGOSAS NACIONAIS

embutida na voz dele.

— Quem é?

— Hoje, Palito.

— E como ele apareceria dentro de um elevador?

Paulo percebeu que eu tentava aliviar a tensão, mas não sorriu.

— Ele pode brotar dos fios, Simone, que não quero nem saber. Se não aparecer, eu mato.

— Ele apareceria mesmo sabendo que eu estou com você?

— Se disser a senha, você pode estar com acompanhada do Papa que ele tem que aparecer *pra* salvar você.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei séria.

— Achei que podia confiar em você... —
insinuei.

— Eu sou a última pessoa em quem você deve
confiar — falou e se aproximou de mim.

Pude sentir a respiração dele, um hálito de café e
cansaço, e percebi sua expressão esgotada.

— Não tem dormido? — eu quis saber.

Ele fez que não com a cabeça, acompanhando o
movimento com a resposta.

— Não costumo dormir muito.

Um apito e a porta se abriu. Paulo não se mexeu,
mas eu olhei brevemente para quem entraria. A
moça, que chegou a colocar um pé para dentro, nos

fitou com espanto antes de perceber que o elevador subia — ela queria descer. Impassível e imóvel, em nenhum momento o Paulo se abalou ou virou para ela. A forma como me encarava era intensa e fazia meu corpo todo reagir.

A porta fechou novamente e o olhar dele se perdeu na minha boca. Imaginei que me beijaria novamente, como havia feito na cozinha da minha casa alguns dias antes, mas ficamos assim até chegar ao andar dele. Assim que a luz do corredor invadiu o pequeno espaço onde estávamos, Paulo apontou para fora e sorri de leve, me encolhendo no canto e dando as costas para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 9

Paulo

Péssima ideia. Aquilo tudo era uma péssima ideia.

Ela querer voltar na comunidade? Péssima ideia.

Ela estar tão envolvida novamente? Péssima ideia.

Ela achar que eu não a seguiria? Bom, isso era ingenuidade.

Simone estava exposta e eu sentia calafrios só de pensar que poderia se machucar. Se o Maurício havia dito a verdade, alguém tentara invadir a casa dela no dia anterior. Era um sinal claro de que os

Caveiras estavam perto demais dela. Novamente.

Medo? Talvez. A lembrança do dia em que ela foi levada ainda era recorrente e eu sei que Simone era a única parte da minha vida que eu nunca, jamais poderia perder.

Ainda assim, levá-la para o meu apartamento, onde eu ficaria sozinho com ela, isso era pior que tortura. *Por que eu havia feito aquilo, então? Por que havia levado Simone para lá?*

Começamos o longo percurso até o meu andar conversando sobre inúmeras baboseiras, que deveriam servir para tirar minha cabeça do decote indecente que ela usava e de uma maldita gota de suor que insistia em descer pelo meio dos peitos

dela. Descobri que não sou tão resistente quando me aproximei — tudo o que eu queria era parar a porra do elevador e comer ela ali mesmo, lambendo aquela gota e fazendo nascer outras tantas naquele corpo delicioso.

O elevador abriu uma vez e nossas respirações ficaram mais altas que a música de fundo. Alguém tentou andar, caucasiana jovem, cabelos claros, óculos, mochila e cerca de 55 quilos distribuídos por 1 metro e 60 de altura. Já há tempos que eu trabalhara a visão periférica e poderia descrever qualquer um que se aproximasse sem muita dificuldade.

Simone, todavia, desviou os olhos de mim por

alguns segundos e fitou a menina. Foram apenas poucos instantes, o suficiente para eu sentir o perfume de seu cabelo entrar pela minha narina. O perfume da minha mulher, misturado ao cheiro forte de hormônios que ela transpirava quando estava se excitando.

Meu corpo reagiu e essas malditas calças sociais, que entregam até a vontade de mijar, denunciaram de imediato a minha excitação. Me contive para não levar a mão e arrumar aquilo. Estava ridículo.

A garota não entrou no elevador e Simone me encarou novamente, sustentando o olhar com timidez, sem reparar que eu já estava pronto para

devorá-la ali mesmo.

Já no meu andar, aponteí para ela sair. Simone sorriu e eu fiquei preso no vermelho do batom que ela usava. Na mesma hora, lembrei daquela cor marcada no meu pau e senti a calça apertar ainda mais. Cada segundo que ela demorava ali dentro comigo só aumentava o desconforto.

Tão logo ela me deu as costas, eu arrumei a ereção. Se acompanhasse os passos dela, se prestasse atenção naquele traseiro rebolando na minha frente, acho que eu ia gozar no meio do corredor.

Abri a porta de casa e dei passagem para ela, abrindo um pequeno espaço entre eu mesmo e o

portal, fazendo com que ela precisasse se virar de lado. O corpo dela roçou no meu e gemi. Como um bom cretino que sou, estava me aproveitando de todos os pequenos momentos para encostar nela.

Quando saí anteontem, não imaginei que voltaria acompanhado e a casa estava uma zona. Então, conforme íamos avançando no minúsculo apartamento que morava, eu ia catando uma coisa ou outra fora de lugar. Latas de refrigerantes, pacote de salgadinho, casaco, camisa, papéis... tinha de tudo no meio do caminho.

Parada no meio da sala, Simone estava estranhamente silenciosa. Eu conseguia ouvir o ar entrando e saindo pelas suas narinas — até porque

PERIGOSAS NACIONAIS

eu havia parado de respirar quando o corpo cheio dela passou suavemente pelo meu.

— Acho melhor eu ir embora, não é? — ela perguntou sorrindo e aquele som delicado reverberou direto em mim mais uma vez.

Era uma tortura. Uma maravilhosa tortura, um desafio, uma etapa tântrica para o sexo intenso que minha cabeça já bolava. Sofá, chão, cama, mesa da cozinha, chuveiro...

Sorri para ela, desconcertado, e engoli em seco quando percebi que os olhos dela enegreciam.

Eu conhecia aquele olhar. *E como havia sonhado com ele!* Simone tinha muito poder sobre mim e a saudade que eu sentia dela era sufocante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Precisava beijá-la. Insanamente.

Sou fraco perante a Simone. Ela é o meu ópio, meu estimulante, meu remédio, minha ferida e minha cura.

— Tudo bem, Paulo. Eu prometi que não ia mais insistir. Deve ter algum motivo *pra* você não lembrar mais e...

Meu telefone tocou, o que foi um alívio para distrair minha cabeça dura que estava me guiando direto para o tornado que era aquela mulher e para a vontade de ajoelhar no chão e implorar para voltar para mim.

— O quê? — perguntei *pro* Palito.

— Desliguei a escuta, Puma.

PERIGOSAS ACHERON

Foi tudo o que ele me disse antes de desligar o telefone. E era tudo o que eu *não podia* ouvir. Enfiei o aparelho no bolso e dei um passo na direção da Simone, que levantou a mão, me impedindo de chegar mais perto e apertando os olhos.

— Não se aproxime, Paulo! Já é difícil demais lidar com o fato de que você me esqueceu. Se você se aproximar mais, eu-eu não sei...

Eu também não sabia de mais nada. Qualquer vestígio de sanidade havia ficado perdido longe dali.

— Simone, eu...

— Eu vim para conversarmos sobre a melhor

forma de agir na operação. Quero entrar pela comunidade e conseguir um jeito de achar a nova mansão de jogos. Você poderia me ensinar a jogar pôquer?

Franzi o cenho.

Porra nenhuma!

— Jogar?

— É. Eu estive pensando e acho que você deveria me ensinar pôquer, me ensinar a blefar. Então, eu descubro o tal cassino e vou. Aí, eu serei sua a sua testemunha.

Encarei a Simone um tanto incrédulo da sandice daquilo tudo. Tenho quase certeza de que ela sabia que era loucura, porque sequer sustentava o olhar

para mim.

— É mais fácil o seu pai testemunhar, apontar o local exato do Depósito, a quantidade de corpos que ele enterrou lá e...

— Como você sabe?

Arqueei as sobrancelhas, certo de que era uma pergunta meramente retórica.

— Como você sabe? — ela repetiu a pergunta pausadamente.

— Escuta, Simone. Lógico.

— A tal escuta do carro do Esquilo?

Fiz que sim.

— Meu pai não vai testemunhar. Simples assim. E eu prefiro que ele fique mesmo de fora. Então, eu

descubro o novo cassino, vou até lá e, se o doutor Carlos estiver, sou sua nova testemunha. Bipt, bopt, bum. — Imitou um maestro com a mão e sorriu.

Eu continuei sério.

— Não.

Levando as mãos à cintura, apertou um olho e arregalou o outro, afirmando com a voz repleta do mais puro deboche.

— Eu vou. Não preciso de sua *autorização*.

— Já te disse que posso mandar prendê-la por obstrução.

Simone deu de ombros.

— Não confio em mais ninguém, Paulo. Você me ensina o básico de pôquer para eu não parecer

tão despreparada e, depois, vou embora. Prometo que aviso o dia que decidir ir ao cassino, ainda que você tenha as tais escutas ilegais.

— Não — afirmei laconicamente e apertei os olhos com os dedos.

Ela arqueou a sobrancelha.

— Eu vou. E, a não ser que você me prenda agora, não poderá me impedir.

A ideia não me pareceu ruim. Por mais que não tivesse nenhuma conotação sexual na frase dela, foi exatamente naquilo que eu pensei. Prendê-la e deixá-la ao meu dispor parecia ótimo. Soltei o ar e deixei os ombros caírem, fingindo concordar com a ideia estapafúrdia de Simone.

— Uma pizza? Estou cheio de fome...

— Tanto faz. — Ela colocou a bolsa em uma poltrona, dona da minha casa e de tudo o que orbitava ao redor dela

Puxei o celular e pedi uma pizza, mas, certo de que vinho não seria uma boa, insisti no refrigerante.

— Vou procurar um baralho. Senta aí. Acho que você conhece a casa.

Ela sentou no sofá e eu entrei, desafiado pela missão de achar cartas para jogar pôquer com ela.

Strip pôker seria muito mais interessante, pensei comigo mesmo e sorri. O calor que fazia na minha casa não era normal e eu decidi trocar a blusa por outra mais leve. Fui até o banheiro e, no momento

PERIGOSAS NACIONAIS

em que abri a camisa pra trocar por outra, ela entrou. Seus olhos desceram para o meu abdômen e arregalaram. Então, eu lembrei...

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 10

Simone

Eu sou seu e você é minha, estava escrito no tórax do Paulo ao lado da enorme tatuagem de onça pintada.

— Essa tatuagem... É nova — afirmei.

Eu lembrava de cada curva daqueles músculos e posso afirmar que, além da puma enorme, não havia mais nada tatuado no tórax do Paulo. Ele engoliu em seco e voltou a fechar a camisa. Depois, passou a mão pelo cabelo, provavelmente pensando no que me diria.

— Quando você a fez? — perguntei, porque esta

foi a primeira coisa que consegui pensar além dos balbucios de uma mente confusa.

Paulo me encarou, então abaixou a cabeça. Vergonha? Provavelmente. Timidez? Duvido.

Ele lembrava de tudo e eu tive plena certeza naquele exato momento.

— Paulo, me responde agora: quando?

— Simone, eu...

— Quando? — gritei. — Quando você lembrou?

Ele me encarou e caminhou na minha direção, parando a poucos centímetros do meu rosto e encarando a minha boca. Sendo um pouco mais alto que eu, meus olhos ficaram na altura de seu queixo.

— Eu nunca esqueci — cochichou roucamente.

Meu coração acelerado alternava os batiques entre agonia e alívio. Nós ficamos ali, tempo suficiente para o ar acabar, para as pernas tremerem e para o desejo entre nós evidenciar o quanto éramos atraídos um pelo outro. Dei um passo para trás e encontrei a parede do corredor, amparo suficiente para que eu não caísse no chão.

Minha cabeça começou a rodar e salpicaram vários momentos entre nós desde que ele voltou do cativeiro.

— Eu- eu acho que preciso ir embora. — Ameacei sair e ele me puxou, me forçando a encará-lo. Eu cambaleei com a violência do gesto e trinquei os dentes, permitindo que a raiva engolisse

PERIGOSAS NACIONAIS

o amor e o desejo por ele.

— Agora, você vai escutar o que eu tenho a dizer, Simone.

Trinquei os dentes.

— Larga o meu braço. Eu quero ir embora — disse pausadamente, quase rosnando.

Ele pareceu não me ouvir, porque voltou logo a falar:

— Finalmente vou poder dizer o que estive engasgado aqui na garganta todas essas semanas: eu amo você.

Arregalei os olhos.

— É o quê? Amor? Você deve estar absolutamente louco!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Louco eu estava quando não a beijei da primeira vez que a vi naquele maldito escritório, depois que o Palito me tirou do cativeiro.

— Você perdeu o juízo, Paulo. Aqueles bandidos devem ter batido demais em você e perdeu a sanidade.

Ele tentou me beijar — o que era apenas mais uma prova de sua total e absurda insanidade —, mas virei o rosto. Então, bufei e puxei meu braço.

Rosnando como um animal doente, ele afirmou com a voz baixa e mais grave que o normal:

— Eu tive esperança de que, mesmo que todos acreditassem, você ia saber que era, simplesmente, impossível eu estar vivo e não amar você. Eu tive

PERIGOSAS ACHERON

esperança de que você ia saber que eu tinha meus motivos para negar o sentimento. Você deveria ter confiado no que sinto! — gritou.

Ele estava jogando a culpa da mentira em mim?

Arregalei os olhos e voltei a encará-lo, sentindo a raiva daquela mentira dominar meus pensamentos.

— Sabe qual é o problema do que está me dizendo, Paulo? A confiança. Não tem como eu confiar no que você sente se você não confia no que nós temos, se não confia em mim ao ponto de me contar a verdade e permitir que eu seja sua companheira.

Caminhei até a porta sem hesitar, sentindo um nó na garganta e tendo a impressão de que

desmaiaria. Raiva, rancor, amargura, ódio... amor, acima disso tudo.

— Eu cansei — ele falou e eu escutei seus passos pesados ecoando na minha direção. — Nós pertencemos um ao outro, Simone, porque esse seu corpo é a minha praia e o meu, seu porto. Isso, boneca, é irrefutável.

Ele estava atrás de mim e sua respiração quente foi o que bastou para eu virar para ele, ainda que meus dentes permanecessem trincados a ponto de doer o maxilar.

— Não! Não é. Poderia ter sido, *se* você tivesse confiado em mim. — Trinquei os dentes. — Você sabe tudo pelo que passei, Paulo? Todas as noites

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu chorei, todas as vezes que meus olhos cruzaram com os seus e eu quis, e como quis, que você me abraçasse e fosse o meu abrigo?

— Eu *sou* o seu abrigo. Isso é óbvio.

— Não! — gritei novamente. Paulo não ia me convencer tão fácil. Não depois de tudo o que eu havia sofrido imaginando que ele havia me esquecido. — Não é nada óbvio! Eu achei que eles tinham conseguido tirar todo o sentimento que nutríamos um pelo outro de você. Achei que você estava com raiva de mim por tudo o que sofreu nas mãos dele.

Seu jeito de olhar se amenizou e ele levantou a mão para acariciar meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

— Raiva de você, boneca? Como? Eu amo você mais do que a mim mesmo, Simone. Dou minha vida por você quantas vezes forem necessário... Por que você não acredita em mim?

Eu bufei e bati na mão dele, espantando-o como a um mosquito.

— Ora, *boneco*, não é óbvio? Porque você mentiu, Paulo! É por isso que eu não acredito em você!

Percebi que ele apertou o maxilar e segurou meu pulso, levando-o ao próprio peito. Seu coração batia acelerado, quase tão rápido quanto o meu.

Quase.

— Simone, o que eu sinto por você não está no

corpo, não é tão superficial. Para tirarem você de mim, só arrancando o meu coração. Eu nunca esqueci, Simone. Nem por um segundo. Você é o pensamento que me faz saber que ainda existo. Eu fico ansioso quando não te vejo, angustiado quando você está triste, feliz quando você sorri. E — encarou meus lábios, puxando meu pulso até que nossos corpos encostassem — eu fico maluco quando você está assim tão perto!

Sem esperar que eu pensasse, tomou minha boca e me pressionou contra a porta da rua, invadindo meus lábios com a língua e pressionando seu membro na minha barriga.

Pensei em afastá-lo, mas Paulo segurou minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos acima da cabeça e se abaixou, fazendo a ereção roçar no lugar que me faria esquecer até meu nome. Quando eu estava prestes a derreter, ele me soltou e encostou a testa na minha, parecendo arrependido da explosão.

— Eu sou o seu maior perigo, Simone. — cochichou, soltando minhas mãos acariciando meu rosto. — Mas quando eu fecho os olhos, sonho com você e, quando abro, procuro por você.

Eu estava ofegante e — assumo sem medo — feliz.

— Você é o meu lugar, Paulo.

Ele gemeu sorrindo e sussurrou:

— Eu sou seu, Simone. — Voltou a me beijar e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

murmurou no meu ouvido: — Está tudo bem se eu não proteger você essa noite?

Engoli em seco, balançando sutilmente a cabeça. Virando-nos como se dançássemos, me empurrou até a cama e desabotoou a camisa novamente, jogando-a longe com o pé, ficando apenas com a calça social um pouco caída na cintura. Suas mãos seguiram para o cinto e ele desabotoou sem dificuldades. Durante todo o tempo, Paulo me encarava, lambia os lábios, estudava o meu corpo.

— E a es-escuta? — gaguejei a pergunta com o restinho de sanidade que ainda tinha enquanto Paulo engatinhava para cima de mim completamente nu.

PERIGOSAS ACHERON

— Desligada — foi tudo o que disse antes de puxar os botões da minha camisa e arrebentá-los. Então, ajoelhou e começou a subir as mãos pelas minhas pernas, me apertando, até o os meus seios. Ele puxou a taça do sutiã sem abri-lo e chupou os mamilos, primeiro um, depois o outro, e me abraçou apenas para terminar de abrir a peça. Depois, desceu pela lateral do meu corpo, apertando com força e causando uma dor prazerosa. Ele gemia, ronronava, suspirava, inspirava o suor da minha pele sem deixar de dar pequenos beijos pelo meu corpo, reverenciando-o.

—Paulo, eu...

— Estou ficando louco, Simone — confessou.

— É tempo demais sem você e eu não aguento mais — falou antes de me empurrar novamente na cama e puxar minha calça. Me deixando só de calcinha, ajoelhou entre as minhas pernas e começou a me beijar naquele lugar específico que me enlouquecia.

Deitando sobre mim, tomou os meus lábios, deixando o peso do corpo sobre mim e roçando a ereção na minha calcinha molhada. Paulo prendeu as minhas mãos para cima e, de forma hábil, chegou a minha peça íntima para o lado e me penetrou de uma vez só, puxando com os dentes o meu lábio.

Ele se movimentava e rebolava, penetrando cada

vez mais profundamente, me preenchendo e se movendo de uma forma alucinada. Sua mão livre subiu pelo meu corpo e apertou meu seio devagar, beliscando o mamilo. Eu achei que ia enlouquecer e senti que o gozo não demoraria. Empurrei a pélvis na direção dos quadris dele e percebi que ele procurava alguma coisa embaixo do travesseiro. Antes que eu percebesse o que era, um par de algemas me prendeu à cabeceira da cama. Ele sorriu de encontro aos meus lábios.

— Minha — sussurrou e deu uma estocada profunda.

Com as duas mãos livres agora, ele agarrou ambos os meus mamilos e sugou-os

PERIGOSAS NACIONAIS

alternadamente. A pressão que ele fazia contra o meu corpo, sem mexer os quadris, aliada à sucção dos meus mamilos me fez finalmente perder a noção de tudo. A minha mente estava perdida no frenesi e eu tentei, tal qual uma boba, encontrar o prazer rebolando de encontro a ele.

Paulo saiu de dentro de mim e desceu beijando a minha barriga. Suas mãos, que voltaram a passear pela lateral do meu corpo, puxaram a calcinha até tirá-la por completo. Empurrando uma perna minha para cada lado, colocou-as sobre seus ombros. Eu estava ali, entregue, e ele inspirou meu cheiro, deixando um rastro quente e arrepiante antes de chupar meu clitóris.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu gozei quase no mesmo instante, mas ele não parou de sugar nem mesmo quando espasmos fizeram meu corpo todo tremer. Paulo subiu novamente em cima de mim e me penetrou com muita força, estocando poucas vezes antes de desabar, satisfeito, pendendo a cabeça no meu ombro.

Ficamos um bom tempo assim exaustos e minha mão começou a doer, ainda presa nas algemas.

— Paulo, minhas mãos...

Ele riu.

— Acho que vou deixar aí e fazer de novo. *'Tô* pensando em prender suas pernas abertas e te virar de costas... — Sorriu malicioso.

PERIGOSAS ACHERON

— Estão doendo.

Ele fez um bico e levantou da cama. Nu, caminhou até o armário, tirou uma gaveta e colocou a mão no fundo, de onde tirou a chave das algemas. Estranhei, mas fiquei aliviada quando ele livrou minhas mãos do metal frio que as apertava. Depois, colocou as algemas e as chaves na mesa de cabeceira e me puxou, abraçando meu corpo com força e dando um beijo delicado nos meus lábios enquanto massageava meus pulsos.

— Desculpa. Não quis machucar você.

— Não machucou — eu disse suavemente. —

Mas por que tem algemas na sua cama?

— Tenho alguns pares espalhados pela casa. Me

PERIGOSAS NACIONAIS

garanto em uma briga, mas nem sempre é bom matar o oponente.

— Tem medo de que invadam sua casa?

— Medo? — ele perguntou a si mesmo, parando para pensar em algo que nunca sequer havia passado pela sua cabeça. — Não é medo. É mais precaução.

Ficamos ali olhando para o teto abraçados e nus, até que eu relaxei.

— Não minta mais para mim, Paulo.

Ele ficou quieto.

— Me prometa que não vai mais mentir — insisti.

— Não posso prometer, Simone. Mas posso

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dizer que dói mais em mim do que em você.

Suspirei.

— A gente precisa conversar. Eu preciso saber mais, Paulo.

Ah, mas ele não ia sair daquela sem uma explicação. Eu queria saber tudo. *Tudo!*

— Não posso explicar muita coisa ainda, boneca. Só queria que você nunca mais esquecesse que eu amo você.

— As palavras, ditas depois de mentir por tanto tempo, de quase me ver casando com outro, ficam vazias, Paulo. E se eu tivesse casado?

Percebi que seu corpo estava tenso e acariciei seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Viúvas podem casar de novo.

Bufei com raiva. Ele falava de morte como quem discute a lista de compras.

— Você não sentia ciúme?

Paulo ficou calado e puxou o ar com força.

— Simone, eu coloquei você em perigo. Eu precisava acabar logo com essa maldita operação para poder dizer o que eu sinto, para poder ficar com você. Eu nunca imaginei que você fosse levar a ideia do casamento adiante, principalmente depois do que aconteceu entre nós na cozinha da sua casa.

— Você repetiu que não lembrava de nada... — sussurrei, quase me sentindo culpada por ter

PERIGOSAS ACHERON

entrado na Igreja.

— Não imaginei que você ia tão longe com ele.

— Não? Você estava na Igreja! — Sentei na cama irritada e passei a mão na minha camisa. Sem sutiã, sem nada, coloquei pelos braços e lembrei, então, que os botões estavam arreventados.

Ele sorriu de forma maliciosa.

— Pegue uma minha no armário, boneca.

Trinquei os dentes e levantei da cama. Peguei uma blusa qualquer e vesti. Olhando para ele com o canto de olho, percebi que o Paulo estava confortavelmente acomodado na cama com os braços embaixo da cabeça. Absolutamente nu, seu membro começava a *acordar* novamente.

— Volta *pra* cá, boneca... Ainda quero mais de você.

Vasculhei o quarto atrás da minha calcinha e da minha calça. *Como ele podia voltar a pensar em sexo no meio de uma discussão?*

— Eu não entendo você, Paulo. De repente, você decidiu que ia me contar tudo.

— Preciso dizer que estou me sentindo liberado do segredo. Veja bem: você descobriu sozinha.

— Eu vi a maldita tatuagem! Não afasta o fato de que você mentiu *pra* mim!

— Claro que não afasta, mas vamos continuar resolvendo as *diferenças* aqui na cama?

Suspirei e fiz que *não* com a cabeça, sorrindo

para ele enquanto terminava de me recompor.

— Ah, não, Simone, você não vai embora assim de novo. — Ele levantou e vestiu uma bermuda que parecia suja.

— Eu não vou embora *assim* ou *assado*. Só quero entender o que se passa na sua cabeça.

— Eu amo você. É o mais importante de tudo. Eu amo você e *eu* vou casar com você. Eu! Só eu, entendeu? Nunca mais diga *sim* a outro homem, nunca mais saia com outro homem, nunca mais cogite me deixar.

Ele parecia nervoso, mas eu ri. Ri e debochei dele.

— Não vamos neste caminho, Paulo, porque eu

não sou sua propriedade.

— Você não quer casar comigo?

— Não.

Ele arregalou os olhos.

— Não vou aceitar proposta nenhuma de casamento até estar muito certa disso, dos sentimentos e tal. Já passei por uma experiência leviana e não vou passar por outra.

— Não me compare com ele — rugiu e eu dei de ombros. — Você sabe bem que eu e ele somos tão diferentes quanto vinho e xixi.

— Não vou casar agora, Paulo. É isso que quis dizer.

Paulo, então, respondeu entredentes.

— Eu espero você aceitar o meu pedido. —
Abriu uma gaveta na cômoda, remexeu e sacou o
baralho. — Por ora, vamos jogar pôquer. *Strip
poker.*

CAPÍTULO 11

Paulo

Não foi difícil fazer a Simone entender as regras básicas do jogo. Difícil, na verdade, foi me concentrar nisso quando ela estava sentada na minha frente vestindo apenas uma camisa fina de botões e calcinha. Comemos a pizza e passamos o resto daquele dia jogando. Entre uma partida e outra, eu acariciava, beijava e matava um pouco daquela angústia que havia me consumido nos últimos meses. Tentei, mais de uma vez, convencê-la a desistir da péssima ideia. Pouco depois de anoitecer, ela se vestiu mais adequadamente e eu a

levei para casa, avisando ao Palito que deveria entrar em estado de alerta novamente.

— Até amanhã — me despedi dela sem nem tirar o capacete. Eu havia explicado, e acredito que nem precisava ter feito, que teríamos que manter a discrição sobre o nosso relacionamento. Deixei claro, todavia, mais de uma vez que a amava mais do que a mim mesmo e pedi, quase implorando, para que ela nunca mais duvidasse disso. — Eu amo você demais, boneca.

— Não me chame assim, Paulo — repreendeu antes de virar e sumir no jardim da frente da casa dela.

Tão logo Simone entrou, fiz um sinal para o

Palito e avisei que iria ver o Esquilo. Já era para o maldito ter acordado e eu precisava tirar os grampos da casa da Simone.

Meu companheiro de operação estava sentado na sala jogando buraco com a dona Di. A cozinha, cheia de pratos, denunciava um dia de muita comida.

— E aí? Como está? — perguntei a ele, que apontou para a tala no braço e sorriu. — Dona Di, preciso ficar sozinho com ele. A senhora se incomoda de nos deixar por um tempo?

— Claro, meninos. Preciso mesmo ir para casa. Sobrou buchada *pra* você.

Eu sorri. Não estava com fome, mas a dona Di

jamais descobriria.

Sozinhos, sentei de frente para o Esquilo e coloquei os pés sobre a mesa de centro. Aproveitei a privacidade para descobrir o que havia acontecido. O colega me informou, então, que viu o juiz entrar, ligou a escuta e foi surpreendido pelo tiro no ombro.

— Acessei, do seu computador, minha conta na Corporação. O DNA no meu carro mostrou que quem fechou o vidro foi você.

Arregalei os olhos.

— Eu? Eu usei luvas no seu carro.

— Pois é, chefe, mas alguém de dentro manipulou o exame e apontou *pra* você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Apertei os olhos, buscando o nome que obviamente martelava na minha cabeça. Esquilo franziu o cenho e sorriu meio de lado.

— Desconfia de alguém, chefe?

— Frederico.

Ele fez que sim.

— Pensei o mesmo.

Meu telefone tocou e o número do senhor José Claudio apareceu.

— Muito bem, garoto. Eu vou testemunhar, mas a Simone não pode nem chegar perto daquele lugar.

De alguma forma, o pai havia descoberto o plano idiota dela. Para mim, realmente era melhor que ela ficasse longe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certo, senhor. Eu pego o senhor onde?

— Primeiro, tem que mandar as duas *pra* longe daqui.

Fiquei em silêncio, mas compreendi a posição do homem. Proteger a Simone também era minha prioridade, ainda mais perante a possibilidade de terem realmente tentado invadir a casa dela. Sim, sim, eu sabia que, talvez, o *juizinho* tenha salvado ela, ainda que isso ardesse no meu peito como uma bolada no saco.

— Amanhã, você e essa sua equipe esquisita colocam elas duas longe daqui. Eu vou sair de manhã para comprar pão às 7. Seu amigo tira as duas daqui e leva para longe.

PERIGOSAS ACHERON

Antes mesmo que eu conseguisse responder, ele desligou.

O dia estava estranho, mas não era o tempo ou mesmo qualquer dor que eu sentir. A neblina que dominava o ambiente era pura tensão. O pai de Simone deveria me encontrar para depor e eu sequer havia contado a ela que o esperava. Algo me dizia — em algum lugar da consciência — que essa *mentira* ia dar problema, que aquilo não acabaria bem. Era exatamente o tipo de omissão que dava droga. Invariavelmente. O grande ponto é que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

estava *salvando* a Simone de se meter em uma grande furada. E eu, convenhamos, preferia que a minha mulher não corresse perigo.

Às 7 horas, quando ele saísse para a padaria, Tatiana chegaria na casa da Simone a enrolaria até que o pai voltasse comigo. Então, eles entrariam na *pick-up* da Promotora e seguiriam para a casa segura até o fim da operação. Tudo precisava ser perfeitamente sincronizado para não termos mais surpresas.

— Puma?

— Fala, Chiclete.

— Ferrado sumiu da casa de praia.

— Sumiu?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É. Passei lá e o moleque não estava mais.

— O guri sabe de alguma coisa?

— Nada demais. Conhece nossos rostos, mas acho que isso já não conta muito.

— Medo?

— Pode ser, chefe. Ele é meio cagão mesmo.

Trinquei os dentes e soltei um palavrão baixo. Aquilo não era um bom sinal.

— Bateu nele? — perguntei.

— Não, senhor.

— Certo. Tomara que ele tenha ido *pra* longe daqui. Segue na cola do Cervantes porque hoje é um dia complicado. Desligo.

Palito havia sido designado para interrogar o

PERIGOSAS ACHERON

Maurício, que seguia internado. Até tentando bancar o herói aquele maldito *juizinho* era fresco. Eu mesmo, se o interrogasse, não sei se conseguiria conter os punhos. Talvez, dependendo da asneira que dissesse, até o fizesse *dormir* de novo. Mas havia muito a descobrir e eu custava a acreditar na inocência dele.

Diferente do fresco, Esquilo já estava na ativa, seguia em um carro novo — e eu nem vou me preocupar em pensar como ele conseguiu dinheiro para comprar outro ou como dirigia com o braço engessado — para a casa da Simone, onde ajudaria a Gata e aproveitaria para tirar as escutas vazadas.

8:30 e nada do pai da Simone. Eu, estacionado

na porta da padaria com um veículo não-identificado e com chassi raspado, já batucava impaciente.

Levei a mão à arma escondida à esquerda do meu banco quando vi o meu futuro sogro se aproximar. Olhei todo o entorno, garantindo que não havia ninguém o seguindo ou armando tocaia. Ele entrou no carro, taciturno e irritado como sempre, fedendo àqueles cigarros que costumava fumar, e sequer me cumprimentou.

— Vamos — foi a única palavra que disse em todo o percurso.

Até tentei entabular algum assunto, lembrando a ele que conhecia a Simone há quase 20 anos, mas

tudo o que eu dizia parecia apenas servir para irritá-lo ainda mais.

Chegamos ao prédio da Corporação e estacionei na vaga do Comandante, que parecia mais solícito do que o habitual. Subimos no elevador privativo e, em poucos minutos, entrávamos pela porta do meu chefe.

Na sala, além do Comandante, estava a Viviane, promovida a agente depois de um trabalho exemplar na escuta do escritório do doutor Carlos.

— Vamos logo com isso — falou o senhor José demonstrando muito nervosismo e impaciência.

Nome, idade, profissão... várias perguntas foram feitas por mim e pela Viviane, sob o escrutínio do

PERIGOSAS NACIONAIS

Comandante que parecia apenas analisar as respostas e reações do homem. O inquirido parecia calmo, todavia. Respondeu com firmeza a tudo, deu endereços e os apelidos que conhecia, contou como foi torturado até perder parte dos movimentos de uma das pernas e sobre a autorização que recebeu para se afastar do serviço tão logo a Simone entrou para o escritório. Disse que não achou suspeito, porque jamais pensou que o Cervantes seria o chefe da filha.

— Eu nunca ia imaginar que aquele cramulhão pudesse se passar por advogado. Ele não é advogado coisa nenhuma! — afirmou. — É um bandido, um assassino de gravata.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu quis rir da forma como ele contava as coisas, mas me mantive sério.

— Vou mostrar uma série de fotos e o senhor apontará o Cervantes, se o vir — afirmei, puxando uma pasta de plásticos onde arquivávamos suspeitos e investigados.

Uma página, duas, três folhas e 14 fotos de homens muito parecidos entre si depois, e o senhor José Cláudio, sem pestanejar, apontou o doutor Carlos.

— Tem certeza? — meu chefe quis confirmar, já subindo ao pódio para comemorar a vitória.

Com a afirmativa do senhor José, o caso parecia entrar na última jogada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O senhor sabe alguma coisa sobre o senhor Juscelino de Albiano?

— Sei que era um policial infiltrado de nome Roberto. contei isso para o Cervantes em troca da minha liberação.

O Comandante me olhou e percebeu que eu havia apertado o maxilar. Então, liberou a testemunha e mandou a Viviane se retirar, pedindo que eu ficasse na sala. Assim, novamente soube que havia algo errado.

— Você está bem com isso? Pelo que entendi, ele foi o responsável pela morte do Roberto.

Puxei o ar com força e caminhei até parar ao lado dele, olhando para a rua a partir de sua torre de

PERIGOSAS ACHERON

vidro.

— Ele estava com medo, senhor. Fazemos muitas besteiras com medo.

Olhando para mim com apreensão, franziu o cenho, duvidando da sinceridade das minhas palavras.

— O Frederico não veio hoje. Ninguém sabe dele.

— Isso só o torna mais suspeito, senhor. Esquilo descobriu que alguém ligou as minhas digitais ao carro dele.

— Onde está o Esquilo?

— Em um lugar seguro, senhor.

O Comandante fez que *sim* com a cabeça e

voltou a falar:

— O chefe do departamento dele vai ser igualmente investigado pela Corregedoria, porque me pareceu muito cheio de desculpas quando perguntei sobre o Frederico. Foram justificativas estranhas, serviços externos secretos demais, enfim. Viviane saiu daqui agora direto para a casa dele com a missão exclusiva de acompanhá-lo, sem intervir. Mas quero que você, Esquilo, Palito e Chiclete fiquem atentos. Acho que o Frederico pode ter algum tipo de serviço ilegal para fazer hoje.

— Sim, senhor.

Voltando ao assunto, perguntou se eu tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

notícias do corpo do Roberto. Balancei a cabeça negando.

— Daqueles corpos que acharam, nenhum bateu?

— Não, senhor. Mas muitos não têm como examinar.

Ele desviou os olhos para a janela e voltou a falar, em um tom mais baixo e desanimado.

— Acompanhe a testemunha e tire, ele e a família, da cidade.

Concordei com um aceno de cabeça e saí da sala. Na garagem, o senhor José Claudio estava recostado no carro, fumando e olhando ao redor realmente preocupado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos, senhor. Está quase acabando e vai ficar tudo bem.

Saímos de lá e eu me assegurei de que não seria seguido, dando algumas voltas por ruas diferentes antes de pegar o caminho para a casa da Simone. Apertei o fone no ouvido e avisei ao Esquilo:

— Chegamos em 5.

— Positivo — ele respondeu lacônico.

Ao meu lado, o senhor José puxou o ar com força e tossiu, querendo chamar a minha atenção:

— Garoto, uma coisa. Você deve sumir da vida da Simone. Minha filha é preciosa demais para andar abraçada com o perigo. Tenho certeza de que você me entende e sabe bem do que estou falando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não teria nem pensado em ser Promotora se você não tivesse sumido.

Arregalei os olhos e virei para ele.

— Ela já tinha feito a prova, senhor, antes de me conhecer.

— Blábláblá, rapaz. Ela queria ser advogada. Eu já sei de tudo; nem tente negar. Também sei que você deu a vida em troca da minha filha, mas não...

— Senhor, meu sentimento pela Simone é grande. Eu vou cuidar dela.

— Às vezes, a melhor maneira de cuidarmos de alguém é sumirmos da vida dele. Você, como policial, deveria saber disso.

Eu engoli em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vou sumir, senhor. Assim que isso tudo acabar e vocês estiverem seguros, vou pedir oficialmente a mão dela ao senhor.

— Nem tente. A resposta é *não*.

Apertei as mãos no volante.

— Me dê uma chance, senhor.

— Não me tire por otário. Você é o diabo encarnado e eu conheço bem o seu tipo. É cheio de manhas, cheio de trejeitos, de gírias... Não é homem para a minha filha.

— O juiz era? — perguntei, sem resistir ao ciúme que nascera do fato de ele ter aceitado o Maurício como genro.

Ele fechou ainda mais a expressão e dilatou as

PERIGOSAS ACHERON

narinas.

— Não vou me afastar — eu disse enfático. —

Nunca mais.

Ele trincou os dentes e ruminou qualquer coisa antes de se calar. Estava muito irritado e, mesmo que eu soubesse que o homem estava certo, ficar longe da Simone não era sequer algo a cogitar.

Chegamos à porta da casa dele e Esquilo piscou o farol com o controle do carro de dentro da casa, o sinal de que tudo estava em paz. Do outro lado da rua, o Trigro estacionado acenou, ligou a moto e partiu.

Estacionei e o senhor José desceu. Tão logo me aproximei do portão, ouvi pneus cantando na

esquina e levei a mão à cintura, puxando a arma. O som de um tiro seco aguçou minha adrenalina e o zumbido no meu ouvido entregou a direção da bala. Foi tudo muito rápido e só tive tempo de empurrar o senhor José para o chão. Percebi que já havia sangue escorrendo e a porta da casa de abriu abruptamente. Esquilo saiu, ainda com o gesso no braço, e atirou na roda do carro, que começou a derrapar.

— Papai! — Simone gritou, saindo logo atrás dele e eu corri para empurrá-la de volta.

— Volta! — gritei, colocando meu corpo entre o dela e a rua.

A Gata segurava a mãe dela dentro de casa,

protegendo-a ao impedir que saísse. Uma pequena pistola apareceu em sua mão, mas ela parecia vacilante.

— Entra! — gritei de novo para a Simone, que já se ajoelhava ao lado do pai ignorando minhas recomendações.

Outros tiros foram ouvidos, de dentro do carro do criminoso e de Esquilo. O veículo foi forçado a reduzir a velocidade por conta do pneu murcho e eu aproveitei a oportunidade para acertar no atirador. O carro rodou e bateu em um poste, quando Esquilo aproveitou para atirar mais 2 vezes e encurtar de vez a vida do motorista. Ao lado dele, o atirador, um moleque de pouco mais de 12 anos,

PERIGOSAS NACIONAIS

também morreu na batida.

Ao som dos berros desesperados de Simone, seu pai não resistiu e morreu.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

Simone

Eram tiros o que eu ouvia e, tão logo Esquilo abriu a porta para sair, vi o rosto do Paulo e soube que havia algo muito errado. Depois daquela vez em que fui levada, eu conhecia bem o som abafado de uma arma em ação, que reverberava em minhas entranhas como chicotes de ponta no lombo de um cavalo, estalando dor e desespero.

— Papai! — gritei ao ver o Paulo empurrando-o.

Meu pai caiu mole no chão, desacordado, e o mundo ao meu redor virou um filme de terror. Tenho certeza de que poderia ter morrido com a

imprudência de sair correndo, mas não me importei. Meu pai estava caído no chão no meio de um tiroteio.

Sangrando.

— Papai! — gritei repetidas vezes, esperando que meus gritos o fizessem abrir os olhos.

Eu mesma não enxergava muita coisa. Afogada em uma angústia lancinante, só conseguia ver a vida sumir do meu pai. Quando os estalidos cessaram, o silêncio que veio a seguir foi ainda pior. Meu choro engasgado, os gritos da minha mãe, as discussões do Paulo com o Esquilo e a Tatiana. Tudo ficou em suspenso, presos naquele instante em que meu pai deixou a gente. Minha

mãe chegou ao meu lado e me empurrou, fazendo o relógio voltar a bater.

— Não! — ela gritou. — Não! Não! Não! José Claudio, abre esse olho agora! José Claudio! José Claudio!

Paulo ajoelhou ao lado e colocou a mão no pulso do meu pai, depois no pescoço. Olhou parra mim e engoliu em seco, fazendo que *não* com a cabeça.

— Ambulância — ouvi a voz do Esquilo, que forneceu nosso endereço enquanto caminhava na direção do carro batido com a arma empunhada.

Paulo segurou meu antebraço e tentou me levantar.

— O que você fez? — eu perguntei a ele, sem

PERIGOSAS NACIONAIS

nem me dar ao trabalho de secar o choro. — Por que você estava com o meu pai?

— Ele foi depor, Simone. Eu o levei e estava trazendo de volta. Entre em casa, por favor. Eu ajudo você a levantar.

— Me larga, Paulo! — puxei o braço que ele tentava segurar. — Eu não vou a lugar nenhum! Eu vou ficar aqui — afirmei, passando o braço ao redor da minha mãe, que havia deitado a cabeça no peito do meu pai.

Não sei se o Paulo percebeu, mas tudo o que nasceu do meu olho foram labaredas. Eu queria matar ele, porque, mesmo que ele não tivesse falado, eu sabia o que tinha acontecido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A sirene de uma patrulha soou e o Paulo levantou, dando espaço para os paramédicos confirmarem o que ele já havia constatado. Quando o corpo do meu pai foi coberto, ele passou a mão no celular e virou de costas:

— Comandante, a testemunha faleceu.

Tatiana chegou ao meu lado, ajoelhou e me abraçou.

— Vamos entrar, minha amiga.

— Não! — eu disse um bocado irritada. — Eu quero saber o que aconteceu.

Ela suspirou.

— Seu pai não queria que você se envolvesse de novo. Ele foi depor para esclarecer tudo o que sabia

PERIGOSAS ACHERON

e, agora, vocês iam embora da cidade.

— Você sabia, Tatiana?

— Sim, minha amiga.

De alguma forma, eu não tinha tanta raiva dela quanto do Paulo que, a esta altura, voltou a olhar para mim.

— Você concordou com isso, Paulo? — perguntei para ele, incrédula por não ter protegido o meu pai. — Você colocou o meu pai em risco, Paulo?

Ele desviou os olhos e percebi que engoliu em seco, apertando as mãos ao lado do corpo.

Estávamos na rua, que começava a encher de patrulhas, ambulâncias e curiosos. Mas eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia deixar meu pai sozinho caído no jardim. Enquanto não recolhessem seu corpo, eu não me daria por satisfeita.

— Quantas vidas vale a minha vida, Paulo?

Ele apertou os olhos e não respondeu, mas senti que sua respiração estava pesada.

— Me diga! De quantas vidas você vai abrir mão para me salvar? Quem é você para escolher a quem salvar, a quem proteger? Você não sente nada quando tem que fazer escolhas...

— A questão não é escolha, Simone, porque sempre vai ser você. Sempre e em qualquer lugar, sob qualquer circunstância. Não importa quem esteja na balança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Maldito! Maldito! Ele era o meu pai! Você colocou o meu pai em risco!

— Não, boneca!

— Não me chame assim! Nunca mais me chame assim! Nunca mais me chame! Ele era o meu pai!

— gritei e repeti, várias vezes, a mesma coisa.

— Era decisão dele, Simone. Não sua. Ele quis proteger vocês. Você e sua mãe.

Tatiana tentava intervir, mediar a situação, mas eu não a ouvi. Encarando o Paulo, tudo o que eu conseguia sentir era raiva por ter sido vítima de mais uma mentira dele. Arregalei os olhos.

— Paulo, como você dorme mentindo assim? Você não tem coração? Você não pensa nos outros,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos sentimentos dos outros?

Ele se aproximou e disse com voz profunda, baixa e perigosa.

— O que eu sinto por você pesa mais do que qualquer resto de humanidade que eu possa ter. Eu vou proteger você custe o que custar, mesmo que tenha que mentir para você.

— Maldito! — Soquei o Paulo, que tentou segurar minhas mãos para conter o acesso de fúria e desespero.

Ele impôs um abraço e me segurou, tentando fazer eu me acalmar.

— Boneca, por favor, fica calma. Está tudo acabando...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sou sua boneca! Não sou nada sua, maldito!

Eu funguei chorando.

Como poderia ficar calma? Meu pai havia morrido!

— Por favor, Simone... Eu preciso proteger você. Eu-eu amo você, Simone... Me desculpa ter mentido, mas eu precisava proteger você.

— Você mentiu de novo para mim! Você prometeu que não mentiria mais! — Empurrei ele, engasgada com o choro e com o nervosismo, e o encarei com raiva. — Vá embora daqui, Paulo. Vá embora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Paulo

— *Nós protegemos aqueles que amamos, PC. É assim que funciona a vida, especialmente para os pais. Se eu tiver que dar minha vida por você ou pelos seus irmãos, eu vou dar sem sequer pensar. E não vou me arrepender.*

— *Mas, pai, isso é muito estranho.*

— *Não é, meu filho. Estranho é viver sabendo que o filho está sofrendo.*

Saí da casa da Simone, deixando-a sob os cuidados da Tatiana — já que a Simone mesmo não

queria me ver nem pintado de ouro — e fui para a sede, onde a investigação sobre a participação de Frederico no assassinato do pai da Simone andava bem adiantada.

Viviane o havia seguido e vira conversando com os dois bandidos mortos no tiroteio. Não havia prova mais cabal do que esta. O problema, todavia, é que ele havia sumido.

O doutor Carlos seguia sua vida normalmente, como se nada tivesse acontecido. Não havia movimento no casarão e o Maurício, ainda internado, fazia mais drama do que outra coisa. Do interrogatório do Palito não foi difícil juntar as peças: ele costumava, frequentemente, se

PERIGOSAS NACIONAIS

aconselhar com o pai e, a despeito de não ser legal este aconselhamento, especialmente se considerarmos que muitos eram clientes do próprio pai, a verdade é que o Maurício não poderia ser condenado por ser estúpido. Tendo vivido muitas cobranças ao longo da vida, o *juizinho* confiava cegamente no pai, de quem, segundo suas próprias palavras, seguia o modelo.

Sendo filho do chefe, os dois que atiraram nele quando saía da casa da Simone, posso garantir, já estavam frios no depósito, frios como a chuva fina que caía no enterro do pai da Simone.

Eu e Chiclete, acompanhados da Gata, comparecemos ao cemitério. Meu chefe, que

PERIGOSAS ACHERON

imaginei que só mandaria uma coroa de flores, também foi, mas não deixou de reclamar das dificuldades para chegar à capela e à cova.

Simone, sempre ao lado da mãe, não me dirigiu a palavra. De longe, eu só pude olhar. Queria muito abraçá-la e consolá-la, mas havia uma parede erguida entre nós. *Sim, sim, eu menti para ela.* Mas menti pela segurança dela e da família. Eu não poderia permitir que ela tentasse se aproximar do maldito cassino — que aliás havia parado de funcionar — e o pai dela não ia permitir isso também. Graças a esta ideia da Simone, ele decidiu depor.

Agora, eu não tinha mais a testemunha-chave do

caso e me sentia agoniado, perdido. Tinha a impressão clara de que a operação sofreria o baque. Mesmo com um testemunho assinado, feito na frente de três policiais, a impossibilidade de o próprio juiz do caso interrogá-lo era uma pedra no sapato.

Terminada a cerimônia, Simone e a mãe partiram direto para casa no carro do Chiclete. Subi na moto e fui para a casa dos meus pais, onde uma conversa com o meu velho poderia me ajudar a espairer.

— Lembra do que conversamos, meu filho? Se o medo e a angústia dominarem seu coração, seus atos deixarão de ser racionais. Observe, PC.

PERIGOSAS NACIONAIS

Observe seu entorno e o seu interior.

— Não sei o que mais observar, velho.

— Tenho certeza que a solução vai surgir, PC.
Essa testemunha morreu. É fato, é incontestável e nada mais resta a fazer. Agora, é preciso seguir o caminho.

— O pai dela morreu, pai. Ele depôs e eu não pude protegê-lo. Como posso garantir que a Simone não sofrerá nada?

— Nós protegemos aqueles que amamos, PC.
Foi isso que o pai dela fez.

— Mas eu menti para ela... — balbuciei.

Ele me abraçou com força.

— Muitas vezes precisamos nos afastar, como

PERIGOSAS ACHERON

você fez quando mentiu sobre os sentimentos que nutre por ela. Isso não é sinal de medo ou covardia. É tomar uma atitude. Quem toma uma atitude nunca é covarde.

— Eu devo me afastar dela?

Meu pai não respondeu.

CAPÍTULO 14

Simone

No dia do enterro do meu pai, não consegui sequer observar o entorno. Havia algumas pessoas, dentre as quais minhas tias e muitos rostos desconhecidos. De longe, um homem parecia rezar de olhos abertos, sempre me encarando. Contando apenas com uma das mãos, usava-a para segurar o cotoco do outro braço. Não era uma pessoa que eu conhecia nem tampouco alguém que já tenha visto na companhia do meu pai e saí do cemitério sentindo medo, imaginando que deveria ser um dos Caveiras.

Mas os Caveiras não rezariam pela morte de uma de suas vítimas, certo?

Eu não olhei para o Paulo. Ele, Tatiana e o Chiclete ficaram de longe, conversando entre si. Ao fim da cerimônia, Chiclete levou, eu e a minha mãe, para casa. Durante todo o caminho, não falamos nada. Há algumas horas, o silêncio morava na minha cabeça.

Pouco depois do almoço, Tatiana chegou à minha casa em sua enorme *pick-up* preta.

— Precisamos conversar, minha amiga. Pode me acompanhar em um café? — chamou sem nem entrar.

— Minha mãe...

— O Chiclete vai ficar aqui fora. Não acredito que os Caveiras apareçam hoje.

Seguimos para um café próximo à minha casa. Eu, que não havia dormido nada, parecia um zumbi. Ela, como sempre, estava com suas roupas e cabelo impecáveis, fazendo o salto agulha de seu sapato pipocar pelo piso do lugar. Senti uma pontada no peito, o que só posso atribuir a uma grande raiva daquele barulho irritante.

— Vamos adiantar sua posse no Ministério Público. Consegui fazer com que assinassem seu termo hoje ainda e amanhã vai ser publicada na imprensa oficial.

Franzi o rosto para ela, tentando entender sua

motivação. *Tudo tem motivo.*

Ela entendeu, como mulher inteligente que era:

— Tudo caminha para o fim da Operação Blackjack. Precisamos de gente, minha amiga, e achei que você gostaria muito de colocar atrás das grades as pessoas que fizeram tão mal ao seu pai. Estou sendo transferida para uma força tarefa da Corregedoria e meu lugar na Vara Criminal vai vagar. Gostaria que você assumisse.

Ela sorriu e passou a mão pelo cabelo, mal encostando.

— Eu não sou suspeita, Tatiana, para agir nisso?

— Seu pai é vítima, assim como você também foi, mas o processo não será exclusivamente sobre

assassinatos. Trataremos de todo o esquema, lidaremos com todos os envolvidos na pirâmide que culmina no doutor Carlos. De toda forma, você só apresentará a denúncia. Depois, outro Promotor designado assumirá.

Minha cabeça não conseguia pensar em muita coisa, mas além da tristeza, eu sentia uma profunda raiva. Sim, eu queria participar e queria, especialmente, ter poder para agir em nome da lei.

— Muito bem. Vamos lá.

— Vou te levar em casa para se trocar. Depois, vamos até a sede do Ministério Público.

Assim fiz. Com um terninho, aquele primeiro que meus pais compraram para mim quando

comecei a trabalhar no escritório do doutor Carlos, fui ao Ministério Público, assinei minha posse e, em menos de uma hora, me dirigi para a antiga sala da Tatiana no Tribunal, onde ela já me esperava.

Para minha surpresa, Maurício também estava lá.

— Como vai, Simone? — ele perguntou assim que eu entrei. — Queria te dar os parabéns por assumir, doutora Promotora. E, também, dizer que lamento pelo seu pai. — Caminhando em minha direção, me abraçou e deixou um beijo casto na minha testa.

— Obrigada, Maurício.

— Eu vim aqui no Tribunal para assinar a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

demissão. Já contei ao policial que me visitou no hospital e à Tatiana tudo o que eu sabia, todos os nomes que frequentavam minha casa e a mansão de festas. Acho que todos estão envolvidos nos jogos, na lavagem de dinheiro, na venda de sentenças e nos assassinatos. Assinei o depoimento e, bom, espero que vocês consigam prender os culpados. Nunca presenciei nada nem fui forçado a nada.

Arregalei os olhos e virei para Tatiana, que anuiu com os braços cruzados.

— Você também vendia sentenças? — perguntei a ele.

Maurício negou, mas disse um tanto desanimado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vendia, mas meu pai praticamente controlava tudo. Assumi a Vara Criminal assim que passei na prova, o que é bem incomum. Não estranhei, porque achei que tinha sido bem colocado. Mas descobri recentemente, com uma visita *especial* do meu pai, que ele e o Corregedor haviam feito um pacto. Eu assumiria para absolver e colocar na rua os laranjas antes que fossem interrogados. Outros processos maiores iam para as varas de *mercado*, com sentenças compradas e Promotores envolvidos.

— Compreendo.

— Bom, eu vou embora agora. Se precisarem de mim, já deixei o endereço do hotel para onde vou.

PERIGOSAS ACHERON

Vou ficar até amanhã no nosso apartamento, Simone, se quiser aparecer para conversar.

— Não temos um apartamento, Maurício. Me desculpe, mas nós realmente não temos mais nada um com o outro.

— Acho que, depois da descoberta dos crimes do pai, até as chances que eu poderia ter contigo foram pelo ralo.

Suspirei e apertei os lábios em uma linha fina, concordando suavemente. Apesar de saber que não havia *chance* alguma, certamente a culpa do pai dele criara um abismo entre nós. Ele balançou a cabeça com a mão no bolso e saiu da sala.

— Sabe, Tatiana, no fundo, acho que tudo foi

apenas uma birra com o Paulo.

Ela sorriu e concordou comigo. Dei de ombros e sorri também.

— E o Paulo?

— Não quero vê-lo, por enquanto, Tatiana. Ele mentiu e, por mais que eu saiba que não foi ele quem puxou o gatilho para matar o meu pai, não consigo deixar de culpá-lo.

— Infelizmente, você precisará vê-lo. Amanhã, iremos à nova sede da operação, um *flat* na praia, para combinar as prisões simultâneas no fim-de-semana.

— *Flat*?

— Sim. O *flat* do Paulo, pelo que entendi.

Preciso passar no Tribunal antes, mas você pode ir e me esperar lá.

Passando o endereço, ela apontou para a sala onde estávamos e disse:

— É sua. O novo juiz titular será empossado em breve e será responsável por receber a sua denúncia. Não se preocupe, vou ajudar nisso. Mas, depois, o caso vai subir para o Tribunal, já que há gente grande envolvida.

Saí do Tribunal no final daquele dia sentindo um peso grande nas costas. Andei pela rua em direção

ao ponto certa de que estava sendo acompanhada pelos Sombras. Chiclete, provavelmente, já que Palito vinha seguindo o doutor Carlos e Esquilo, trabalhava com a parte de investigação interna, computadores e afins.

Paulo, que não havia me ligado desde a morte do meu pai mas era constantemente visto na frente da minha casa, estava sentado na moto lendo um livro.

Quando cheguei em casa, dei um breve aceno de cabeça — ainda tinha educação — e entrei. Minha mãe dormia no sofá ao lado de um vidro de remédios. Estava magra e não vinha comendo direito. Sentei ao seu lado e a chamei, mas ela só

abriu os olhos e voltou a fechar. Desde que meu pai se fora, ela sequer havia entrado no quarto, muito menos dormido na cama deles.

Com os olhos cheios de lágrimas, fui para o quarto. Com a voz fraca, disse para o ar:

— Por favor, tirem as escutas. Já perdemos muito e não quero mais abrir mão da privacidade.

Meu celular apitou.

Até o fim da operação, os grampos permanecem.

Cocei os olhos e deitei.

— Paulo, por favor. Vá embora.

Fiquei um tempo olhando para o teto até que ouvi um barulho de carro. Abri um pouco a cortina

PERIGOSAS NACIONAIS

e vi, por entre as brechas da janela, o carro do Chiclete estacionando e a moto do Paulo partindo. Ele não olhou para mim. Ele não pediu desculpas. Ele não tentou mais se explicar. A distância entre nós estava cada vez maior.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 15

Paulo

Eu estava nervoso e andava de um lado para o outro, esperando que a Simone chegasse. A Gata me avisou, através de uma ligação, que a Rainha chegaria de manhã cedo e eu, que não falava com ela há alguns dias, estava imaginando qual seria sua reação a mim.

Esquilo ria de qualquer coisa na televisão e comia tudo o que dona Di havia deixado para ele. Ele, que havia se transformado no novo projeto da velha senhora, parecia muito feliz com a quantidade e variedade de comidas.

Palito, conversando com a gente pelo ponto de ouvido, passava todas as informações da mansão onde o doutor Carlos morava. Ele participaria da reunião, ouvindo tudo por ali, e as prisões deveriam ser simultâneas.

Chiclete vinha trazendo a Simone, o que deveria ser meu trabalho, se ela não estivesse se afastando de mim.

A campainha tocou e ouvi a voz do Chiclete no corredor, já na porta do *flat*, como se o zelador nem se preocupasse em descobrir quem estava subindo. Abri todas as trancas e os encarei, fazendo sinal para que o meu companheiro entrasse logo.

Então, a encarei. Estava linda, com uma roupa

PERIGOSAS NACIONAIS

bem ajustada ao seu corpo, os cabelos presos. Simone mordeu os lábios, parecendo nervosa, e eu engoli em seco.

— Oi — falei, amaldiçoando a minha *eloquência* em seguida.

— Oi.

Eu queria dizer muita coisa, mas Esquilo e Chiclete também estavam ali e, bom, o meu papo com a Simone era íntimo demais. Então, me limitei a sorrir e saí da frente, apontando para a sala e pedindo para ela entrar. Tudo estava diferente desde a última vez em que eu estive ali, mas era a primeira vez que o *flat* da doutora Juliana estava tão cheio.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde está a Gata? — Chiclete perguntou enquanto se acomodava no sofá, tentando quebrar o clima e claramente excitado com a chance de ver a Promotora mais uma vez. Ela era bonita, devo assumir, mas nada comparado à Simone.

— Chegando — a Rainha respondeu franzindo o cenho, provavelmente desconfiando das intenções do policial.

Poucos instantes depois, a campanha tocou novamente e abriu para a Gata, que entrou reboiativa com sua pasta de couro vermelha. Olhei para os meus companheiros a tempo de vê-los examinar as poucas curvas da Promotora. Limpei a garganta e os encarei, deixando a ordem implícita de que

deveriam interromper a análise.

Sentamos todos à mesa, comendo sanduíches frios e refrigerantes quentes, concentrados em juntar todas as informações e, assim, ser menos prejudicados pela morte da principal testemunha.

— O *juizinho*, então, não acrescentou nada demais. Inútil até *pra* depor — disse o Chiclete.

Eu e Esquilo rimos e percebi que, no ponto, Palito fazia o mesmo.

— Pois é — a Gata respondeu. — Nada além de um pai que orientava o filho.

— Não temos muitas provas materiais e os dois principais testemunhos estão prejudicados.

— Teremos que agir com o que temos e preparar

uma boa cama de gato para o Cervantes se enrolar — a Gata disse. — Nós dependemos do material de vocês.

Simone estava quieta e por mais de uma vez eu percebi que seus olhos encheram de lágrimas. Tentei ser o mais objetivo possível e, em pouco mais de meia hora, consegui encerrar a reunião e marcar o horário das prisões concomitantes: eu e a Simone iríamos invadir a cobertura do Cervantes, Esquilo e Chiclete, prenderiam os envolvidos do Tribunal de Justiça; a Gata e Palito, os membros do Ministério Público.

— Sem erros — a Gata destacou, arqueando a sobrancelha para mim.: — Posso confiar no meu

back?

— Com a vida — respondi. — Ele, Chiclete e Esquilo são os únicos a quem confio a vida.

Eles e os Trigroj, é claro, mas estes não precisavam ser mencionados.

— A vida dela? — a Promotora perguntou novamente, apontando para Simone de forma provocativa.

— Só confio a vida dela a mim mesmo. Por isso, eu vou com ela.

— Fala *pra* essa doutora que ela não vai nem despentear o cabelo — a voz do Palito soou no meu ouvido, bem como no de Chiclete e Esquilo. Nós rimos, o que serviu para aliviar um pouco a tensão

no meu maxilar.

Era bem o jeito do Palito.

— Falou, irmão — respondi sussurrando.

Todo mundo se preparou para sair e, quando Simone pegou a bolsa para ir também, eu a segurei.

— Vamos conversar... — pedi, quase implorando.

Ela engoliu em seco, olhou para baixo timidamente e fez que não.

— Eu preciso de um tempo sozinha, Paulo. Nos últimos dias, muita coisa aconteceu. Meu pai, nós, MP... Eu-eu preciso cuidar da minha mãe, arrumar minha vida...

— Eu só queria um abraço, Simone.

Eu estava quase implorando. Minha voz estava rouca e vacilava. Ela engoliu em seco e, naquele momento, achei que ela cederia. Mas Simone, firme como uma rocha, não se abalou.

— Não estou inteira, Paulo. Preciso ir.

Virou as costas para mim e, sem olhar novamente, pediu — mandou? — com a voz firme e precisa:

— Diga ao Esquilo para tirar todas as minhas escutas, celular, casa e onde mais tiver, ainda hoje. Você não tem autorização e eu não permito mais que nos ouçam. Sou membro do Ministério Público agora e o buraco é mais embaixo.

Sem esperar eu responder e sem hesitar, sumiu

PERIGOSAS NACIONAIS

no corredor. Novamente, fiquei parado em um apartamento vazio vendo a mulher que amo ir embora.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 16

Simone

Saí do *flat* de Paulo com passos rápidos e firmes, mas tão logo entrei no elevador, meus ombros caíram e algumas lágrimas desceram. Ele não me veria chorar. Nunca mais. Na rua, eu sabia que encontraria o Chiclete e, por isso, fiz questão de engolir de uma vez o pranto e arrumar o rosto.

Por um momento, pensei em voltar para o apartamento e me entregar a ele novamente. Talvez, eu conseguisse reunir forças para seguir em frente. Mas meu telefone tocou.

— Tia?

— Você ainda demora? Eu preciso ir embora e não queria deixar sua mãe sozinha.

— Não, tia, estou chegando — afirmei enquanto apertava o passo até o carro do Chiclete.

Estava chovendo e, por isso, não iríamos de moto. Seis carros comuns, quatro camburões e três veículos oficiais estavam enfileirados à frente da sede da Corporação quando eu cheguei, às 4 horas da manhã. Tatiana já estava lá, Esquilo, Chiclete, Paulo e o Palito. Todos tensos, todos mudos.

Tatiana olhava para Palito com o maxilar

PERIGOSAS NACIONAIS

trincado. Ele, firme como a rocha que costumava ser, parecia divertir-se com o constrangimento dela. De fato, era um homem assustador e, como eles não se conheciam, não me admira que ela tivesse um certo receio de acompanhá-lo. Até eu teria, afinal, a vida dela estará nas mãos daquele homem nas próximas horas...

Assim que entrei no estacionamento, Paulo me entregou um colete a prova de balas, que passou pela minha cabeça e apertou na frente. Atrás, havia apenas o desenho de armas cruzadas. Nenhuma inscrição.

— Nada vai acontecer a você, mas o colete é uma segurança a mais.

PERIGOSAS ACHERON

Pontualmente às 4:15 da manhã, os comboios saíram em direções diferentes, cada um em direção a um dos principais réus do processo. Seguimos em silêncio no carro, eu e Paulo, que dirigia um veículo negro sem placa e sem sirene.

Paramos à frente da casa do doutor Carlos, uma mansão imponente dentro de um condomínio de luxo, e ele desceu segurando a arma.

— Fique perto de mim, doutora — afirmou solenemente, sem me encarar. Paulo parecia mais tenso do que o normal e eu, na verdade, não o culpava. Era realmente um dia importante.

Uma, duas, três batidas na porta e ninguém abriu. Ele, então, gritou que estava entrando e

PERIGOSAS NACIONAIS

empurrou o pé contra a porta, derrubando-a.

Entrou primeiro, seguido de cinco policiais fardados, todos segurando suas armas, e espalharam-se pela casa. Eu entrei por último e fiquei na sala, olhando o luxo e imponentia de um casarão repleto de obras de arte.

— Ora, ora... E não é a minha *norinha*! —
escutei a voz do doutor Carlos, que entrava naquele momento sozinho.

— Doutor Carlos?

— Quem diria, não é? A filha do coveiro, uma gordinha desengonçada que quase custou a educação do meu filho, teria a ousadia de vir na minha casa me prender...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O senhor está preso — eu disse trêmula.

Ele riu, debochando de mim, logicamente:

— Estou? — E riu ainda mais alto. — Quanto tempo será que ficarei preso? 10 minutos? 1 hora?

— Sabe qual é o problema de quem tem poder demais, Cervantes? — a voz do Paulo, vinda de cima de uma escadaria alta, ecoou. — Achar que nunca vai perder. O senhor achou que nunca ia ser pego. Desafiou tanto a lei que acreditou que eu não o cercaria. Mas veja bem, doutor, com tudo o que o Roberto havia me contado, eu esperei pacientemente que o Cervantes cometesse um erro. Consegui.

— Não cometi erro algo, criança.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, sim, cometeu. O senhor está preso. Tudo o que disser poderá e será usado como prova no Tribunal. Quanto mais alto o pedestal, maior a queda — ele completou, descendo as escadas com a arma empunhada na direção do doutor Carlos.

De outras portas, mais policiais surgiram. Alguns, carregavam *laptops* e papéis; outros, caixas com celulares.

Paulo olhou para mim e eu peguei o mandado de prisão, que mostrei para o doutor Carlos. Ele sorriu e me perguntou:

— A doutora sabe que horas são?

— 5.

— Ah, ótimo. Maravilhoso.

PERIGOSAS ACHERON

Por que o maldito estava tão feliz?

Naquele sábado, em uma operação que terminou com o Palito baleado em uma atitude heroica para salvar a Tatiana, os mandantes do esquema de jogos da comunidade foram todos presos. Algo me dizia, entretanto, que a operação não tinha terminado ainda.

CAPÍTULO 17

Paulo

Eram cinco salas de interrogatório ocupadas, cada uma com um dos cabeças da Blackjack. Nenhum policial ou Promotor estava com eles, que aguardavam os respectivos advogados. Todos, menos o doutor Carlos, que parecia seguro demais de si mesmo.

Simone estava nervosa ao meu lado e me posicionei com as mãos nos bolsos no espelho da sala onde estava o doutor Carlos. O Comandante, também parado conosco, parecia mais cansado do que o normal.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, doutor Carlos, quer me contar sobre a Dama Branca? — perguntou a Gata.

— O que posso contar? Digamos que seja um grupo de amigos reunidos para jogar pôquer.

— E seus *amigos* têm nome?

— Oh, têm. Muitos deles, inclusive, têm nomeação, publicação no Diário Oficial. Mas, veja bem, quero falar com o Puma — cochichou. — Foi fácil demais enganar o esquentadinho. Agora, vou dar a ele o prazer de ouvir minha história. É justo que ele leve os créditos, não acha?

— Por que o senhor não o matou?

— Eu não mato. Jamais matei qualquer pessoa. Sou um homem de bem, Promotora. Vamos,

PERIGOSAS ACHERON

doçura, quero falar com aquele gato malhado.

Confesso que não sei se estava em condições de falar com o maldito, mas o Comandante precisava dos nomes e lá fui eu.

— Advogado, como vai? — eu perguntei quando entrei na sala, antes mesmo da Gata sair.

A Promotora levantou e saiu da sala, fechando a porta atrás de si sem fazer nenhum barulho.

— Maravilhosamente bem, Puma. — Sorriu sugestivamente.

Era a voz do Cervantes! E eu agora tinha certeza.

— Sabe quem eu sou, moleque?

Encarei com o rosto mais fechado que pude.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Cervantes — afirmei.

Ele sorriu.

— Isso. Você é um pouco lento, mas conseguiu finalmente desvendar o mistério. Como vai a gordinha?

Apertei os olhos e ele continuou falando:

— Você não imagina como foi divertido vê-lo com ciúmes do meu filho. Claro que aquele casamento era fajuto e eu o anularia cedo ou tarde, mas ele precisava se divertir com a gordinha primeiro. Aquele idiota. Sempre sendo *justo*. Que imbecilidade!

Apertei os punhos em cima da mesa e ele sorriu, batendo com a palma da mão na mesa.

PERIGOSAS ACHERON

— Pensei que a gordinha ia dar *pra* trás! Oh, como foi divertido! — Jogou a cabeça para trás, rindo de gargarhar. — Aquela Igreja entupida de gente, a gordinha sendo arrastada para fora e meu filho olhando apatetado. Veja lá se eu ia deixar o Maurício ficar com aquela *imagem* ridícula. Ainda que fosse com a Promotora gostosa, eu não me importaria... — Apontou para o espelho, se referindo certamente à Gata.

— Muito bem, Cervantes. Não tenho o dia todo. Nomes.

— Ah, sim, nomes. Preciso de um papel porque a lista é grande. Tenho Juízes, Promotores, advogados e até uns policiais. — Se aproximou

para cochichar: — Dinheiro compra qualquer um, sabe?

— Por que não me matou?

— Por que todo mundo me pergunta isso? —
Pendeu a cabeça. — Eu mandei aquele imbecil matar você, mas o Pintor queria se fazer de forte dando uns socos no famoso Puma e, bom, você sabe do resto. Aquele seu amigo Palito achou você e *blábláblá*. — Fez um gesto abanando a mão para fora, desdenhando. — Onde ele está, afinal? Aquele homem é quem eu queria como capataz.

— Por que pegou a Simone?

Eu estava conseguindo todas as confissões que precisava para encerrar o caso. Não pararia até

PERIGOSAS NACIONAIS

arrancar tudo do infeliz.

— Ora, moleque, que tipo de pergunta é essa? Não é óbvio? O pai dela achou que ia me chantagear. A mim! Convenhamos... Um coveiro me chantagearia? Ele me entregou o nome, fez mais alguns serviços *pra* mim, queimou o policial e eu fingi que ele estava liberado. Pronto. Dias depois, trouxe a *filhinha preciosa* dele *pra* baixo da minha asa.

— Por isso a colocou nos casos do homicídio do Roberto?

— Claro! Olha que poético: ela ia liberar os homens que mataram uma pessoa, mas nunca desconfiaria que o pai dela havia cremado o corpo!

PERIGOSAS ACHERON

Imagina se ela descobrisse no meio do julgamento?

— Gargalhou.

Lembrando que o senhor José disse que não sabia do Roberto, me peguei pensando quem o havia cremado. Eu estava com a cabeça fervilhando e o imbecil do Cervantes decidiu voltar a falar:

— Imagine como eu fiquei feliz quando ela me levou até você! Foi simples como comprar sentença. Quando a mocinha lembrou de você no primeiro dia de trabalho, soube que aquele seria o melhor caminho. Depois, fui juntando as peças e o seu ciúme transbordando só ajudou... Aquele seu pai cheio de frases me disse uma vez que os corações doentes cometem erros ou qualquer

idiotice dessas. Mas sabe que ele tinha razão? Você cometeu dezenas de erros por conta do ciúme!

— Como você descobriu que eu sou o Puma?

— Então, criança, esse foi o melhor erro de todos! — Colocou o dedo em riste. — Ouvi você e a gordinha conversando na copa do meu escritório. Até então, achei que você fosse apenas um peão. Não sabia que era a melhor torre do xadrez.

— Ela era inocente.

— Inocente? — Gargalhou. — Não seja ridículo, Puma. Ela já foi motivo de mais de um problema para o meu filho, inclusive uma suspensão no colégio. — Olhou para o outro lado e voltou a falar: — Aquela *baleiuda* infeliz! Veja lá

PERIGOSAS NACIONAIS

se eu ia deixar o meu filho ser um paladino das baleias! Precisei dar um jeito nele ainda garoto *pra* que entrasse no eixo, porque estava decidido a defendê-la. Nunca mais me questionou depois daquilo. Um corretivo e tanto. Continuou sendo um banana, um pau mandado. Mas até que foi útil.

Foi a gota d'água e antes que eu percebesse o que fazia, já estava derrubando a cadeira dele no chão e o sufocando com o meu antebraço.

— Respeita ela, seu merda! — rugi.

Estranhei o fato de ninguém entrar na sala para tentar me impedir. Afinal, pelo menos três pessoas assistiam tudo pelo espelho.

— Vai me matar, Puma? — perguntou tossindo.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho excelente que você acelere o processo.

Eu respirava com dificuldade, certo de que a resposta afirmativa àquela pergunta me faria perder o distintivo. Soltei o advogado e dei as costas, deixando-o caído na cadeira quebrada. Pouco tempo depois a Tatiana voltou para a sala e sentou, sem se importar com o homem no chão.

— Eu quero confessar tudo — ele falou, levantando com dificuldade. — Qual o acordo vou ganhar, doçura? Vocês não têm provas, não é? Vão me forçar também?

Tatiana bufou.

— Onde está o dinheiro?

— Vocês nunca vão encontrar. Nunca — ele

frisou.

— Então, sem o dinheiro, proponho 30 anos em fechado — ela falou.

Ele fez que não e estalou a língua, colocando o dedo em riste novamente.

— Isso não é acordo. E vocês não tem provas, doçura, lembra? Sua testemunha morreu e tenho certeza que o depoimento do meu filho é recheado de incoerências. Se eu decidir confessar, e eu disse *se*, quero minha ficha limpa.

— Nunca — eu gritei e me aproximei dele novamente, batendo com as duas mãos na mesa. — Sabe qual o problema com quem confessa, doutorzinho de merda? Essas pessoas tendem a

PERIGOSAS NACIONAIS

achar que o crime é desfeito. — Puxei o ar, enquanto ele suspirava calmamente. — Mas tome cuidado na rua, doutor. Pode ser mais perigoso que na cadeia.

Ele riu.

— Bom, rapaz, você realmente é bem inteligente. Sem provas, sem acusação, sem processo, sem detenção. Vou embora agora — afirmou categórico, levantando para abotoar o terno.

Eu olhei para Tatiana e, por reflexo, ele fez o mesmo. A Gata levantou lentamente, acenou para mim com a cabeça, apagou a luz, saiu da sala e fechou a porta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe, *doutor* Carlos, pumas atacam melhor no escuro.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 18

Simone

Meu pai havia garantido que não sabia do policial infiltrado. *Por que, então, o doutor Carlos disse que ele o havia cremado?*

Assim que Tatiana saiu e apagou a luz, imaginei que o Paulo não conteria o impulso. Então, eu disse que minha cabeça doía e fui embora. Estava cansada, esgotada, a bem da verdade, e precisava de um tempo sozinha.

Caminhei pela rua, certa de que havia alguém me seguindo, e parei em um bar apenas para tomar café. Instantes depois, um homem sentou ao meu

lado.

— Senhorita Simone? — ele disse.

Eu me assustei e o encarei. Era o mesmo homem que eu imaginei rezar no enterro do meu pai. Arregalei os olhos e senti meu coração acelerar.

— Gostaria de prestar minhas condolências pela morte do seu pai. Ele foi um grande homem.

Franzi o cenho. Eu não sabia quem era aquele senhor.

— Quem é o senhor?

— Roberto de Castro.

O policial?

— Quem... Como...

— Não posso ficar aqui muito tempo, doutora.

Espero que consiga resolver tudo.

Quando consegui organizar meu pensamento, todavia, ele já estava longe dali. Minhas reações não foram rápidas e, quando cheguei na rua, não havia mais rastro dele. Um garçom correu atrás de mim meio esbaforido e com um envelope na mão.

— Senhora! Senhora! — gritava.

Demorei a olhar, ainda perdida nas buscas que fazia pelos rostos dos transeuntes. Ele tocou meu ombro e eu virei abruptamente, levando a mão ao peito que palpitava ansioso.

— A senhora esqueceu este envelope no balcão.

Apertei os olhos para o papel e a minha primeira reação foi negar a propriedade daquilo, mas meus

olhos bateram na etiqueta e logo li o meu nome. Agradei, pegando o documento e caminhei até o ponto de ônibus com a curiosidade fazendo queimar minhas mãos. Me contive até chegar em casa.

Cumprimentei minha tia, que logo partiu, e fui para o meu quarto. Assim que fechei a porta, rasguei o lacre e puxei o conteúdo. Quatro fotos de tamanho comum mostravam o doutor Carlos e outros figurões sentados jogando baralho com pessoas seminuas ao redor das mesas. A última foto, todavia, continha um rosto mais jovem que me chamou a atenção: Maurício. Com um charuto na boca e uma pilha de dinheiro à frente, ele, o pai

e outros dois juízes sorriam e brindavam.

Aproximei-a do rosto, apertando os olhos um tanto apoplética por constatar que ele, de fato, sabia mais do que havia falado. O baralho, logo percebi, trazia uma silhueta branca marcada em cartas negras.

A Dama Branca, pensei, já sentindo calafrios e tremores.

Fiquei um bom tempo encarando aquele retrato. Virei e desvirei a foto a ponto de ela fazer vento no meu rosto.

O telefone da casa tocou e a Tatiana disse que o interrogatório havia finalmente chegado ao fim quando o doutor Carlos apresentou um maldito

PERIGOSAS NACIONAIS

atestado médico. Com toda a sua soberba, a despeito de confessar, Cervantes teria um bom argumento para prisão domiciliar.

— Tatiana, o Maurício...

— Oh, sim, ele partiu. Deve estar sobrevoando o Pacífico agora. Sorte dele que foi para longe desse pai...

— Pa-Pacífico?

— Sim. Ele está indo para a China.

Arregalei os olhos e preendi a respiração, fazendo um barulho alto de falta de ar.

— Simone? Amiga? O que houve?

— Ele-ele...

Gaguejando, eu percebia o problema crescer na

PERIGOSAS ACHERON

minha frente.

— Ele o quê, amiga?

— Jogos... Ele sabia.

— Estou indo *pra* sua casa.

Dias depois

O prazo para prisão preventiva do doutor Carlos estava se encerrando e ele havia conseguido a prisão domiciliar. Tínhamos bastante provas contra ele, mas eu ainda temia que ele pudesse conseguir uma condenação. Por outro lado, a lembrança do

rosto que me abordou no bar era recorrente.

Sem notícias do Maurício, eu era atormentada com pesadelos constantes sobre a volta dele. A despeito de ter embarcado com destino à China, ele desceu na escala do Peru e não foi mais visto.

Acordei naquela manhã me sentindo triste novamente. Mesmo com a condenação dos culpados e prisões, minha vida estava vazia. Um dos culpados estava livre — e provavelmente não seria detido tão cedo.

Eu deveria contar ao Paulo?

Creio que sim...

Mas *Paulo* era um assunto ainda muito dolorido. E, se ele mentiu tantas vezes para mim, por que eu

deveria contar a verdade? Eu poderia, simplesmente, disparar uma ordem de prisão contra o Maurício e aguardar seu retorno ao Brasil...

O Paulo vinha à minha casa quase todo dia, mas não entrava. Estacionado do outro lado da rua, limitava-se a esperar alguma atitude minha.

As olheiras da minha mãe eram o aviso de que ela não gostava da presença dele.

— Mamãe? Eu preciso perguntar uma coisa... — eu disse no café da manhã de um sábado.

Ela levantou os olhos e me encarou, pendendo a cabeça.

— Papai disse que não tinha cremado o policial infiltrado, Roberto. Depois, o doutor Carlos

afirmou no interrogatório que papai o tinha cremado. Mas, quando saí de lá, alguém me abordou e disse que era o tal Roberto.

Ela sorriu.

— Seu pai o ajudou a sair de lá. O acordo deles era esse: seu pai o delataria para o Cervantes, conseguiria sair daquela podridão toda, e o Cervantes acreditaria que o policial havia sido morto. Assim, ele poderia fugir também.

— O policial fugiu?

— A família dele estava sendo ameaçada, minha filha. Ele não poderia ficar lá. Os bandidos haviam descoberto a identidade dele.

— Mas por que o papai negou esta cremação? O

Cervantes já sabia quem era ele?

— Seu pai não mentiu no interrogatório, minha filha. Perante a polícia, ele não mentiu. E eu acho que o Cervantes não sabia de nada até seu pai contar.

Eu suspirei.

— Esse Roberto... A senhora sabe onde ele está?

— Não.

— Ele seria uma testemunha muito importante...

Ela deu de ombros.

— Nem sempre a lei e a justiça dão as mãos, minha filha. Existe mais de uma forma de alcançar a justiça. É preciso proteger aqueles que amamos, minha filha. Ele tem muito a perder. Mulher

grávida, filhos pequenos... Enfim. Não o culpo.

Quero mesmo que ele suma.

— É um policial, mamãe.

— É humano, minha filha.

Depois de tomarmos o resto do café da manhã em silêncio, convenci minha mãe a visitar papai. Talvez, quem sabe, ele pudesse acalmar nosso coração.

O caminho até o cemitério, no meu carro novo, não foi tão cansativo. O silêncio era incômodo, doía nos tímpanos, mas era melhor do que o choro da minha mãe. Acho até que as lágrimas dela já haviam secado.

De longe, uma silhueta parada ao lado do

túmulos do meu pai chamou a nossa atenção. Minha mãe caminhava com dificuldade ao meu lado e era tão suave que não fazia nem as folhas estalarem.

De perto, conseguimos ouvir o Paulo:

— Então, senhor, é isso. Conseguimos prender a todos e a sua família está em segurança. Eu disse que a protegeria, senhor, e não vou sair do lado dela. Simone é a minha vida e eu gostaria muito que o senhor estivesse aqui para aprovar o que sentimos um pelo outro. — Ele fez uma pausa e olhou para o lado. Achei que tinha nos visto, mas voltou a olhar para a lápide de mármore. — Eu sei que ela também me ama, sogro. Um dia, acho que ela vai perceber que tudo o que fizemos,

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente o senhor, foi por ela. Ela vai perceber que eu a amo, não vai?

— Vou — respondi cheia de lágrimas nos olhos.

Ele se virou abruptamente, assustado.

— Simone, eu... Senhora? Vocês chegaram há muito tempo?

— Chegamos ainda agora, menino — minha mãe respondeu. Ela não vinha dizendo muitas palavras e uma frase completa, com verbo e vocativo, era mais do que eu podia esperar.

Eu sorri para ela, que deu dois tapinhas no meu ombro, e percebi que Paulo, depois de bagunçar o cabelo da mesma forma nervosa que costumava fazer, levou as mãos aos bolsos.

PERIGOSAS ACHERON

Havia flores no túmulo do meu pai. Rosas brancas, amarradas com um jornal.

— Eu vou dar privacidade a vocês — Paulo disse em um tom baixo. — Simone, eu...

— Conversamos depois, Paulo. — Caminhei até ele e dei um beijo de trégua em sua bochecha.

Ele suspirou e aproveitou para me abraçar.

— Eu amo você — sussurrou e aquilo me aqueceu mais do que um abraço.

Assim que ele se afastou e eu fiquei sozinha com a minha mãe, ela sentou na lápide do meu pai e acariciou, demorando um bom tempo perdida em pensamentos.

— Eu concordo — ela disse para ele. Puxou o ar

com força e me olhou. — Minha filha, eu e seu pai aprovamos esse menino.

Sáímos do cemitério em silêncio e nem a chuva fina estragou a minha felicidade. A benção do meu pai, que eu tenho certeza que conversava com a minha mãe todas as vezes que ela fechava os olhos, havia sido quase um perdão e eu imaginava como poderia conversar com o Paulo.

Parado na porta da minha casa, sentado sobre a moto, ele se aprumou tão logo o táxi que nos trazia encostou. Atravessou a rua a passos firmes e,

PERIGOSAS NACIONAIS

acenando para a minha mãe com a cabeça, pediu a ela permissão para entrar na nossa casa.

Ela fez que sim e ele nos seguiu porta adentro.

— Senhora, eu queria pedir desculpa por todo o malentendido e por não ter conseguido defender seu esposo.

— Imagino que isso doa bastante em você. Muito bem, Paulo, eu sei que fez o seu melhor — ela disse com a voz fraca. — Eu preciso me deitar, por que vocês não saem?

Ele franziu o cenho e eu o empurrei novamente para a rua.

— Minha mãe tem dormido no sofá. Ela não consegue entrar no quarto que foi deles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu entendo. Perder um companheiro de tantos anos não deve ser nada fácil.

Subi na moto atrás dele e partimos para um restaurante reservado no meio da mata, onde sentamos, ainda sem saber direito como retomar a intimidade que costumávamos ter um com o outro.

— Simone, eu sinto sua falta — ele disse.

Uma frase simples, mas que foi o suficiente para quebrar qualquer resto de resistência que eu tivesse a ele.

— Queria me desculpar por ter mentido, mas acho que...

— Paulo, há algo que preciso contar. Eu não sei como, mas preciso contar...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Simone, por favor, me ouça. Por muito tempo, confiei em uma pessoa. — Se interrompeu, coçando a cabeça. — O Roberto, meu parceiro. — Suspirou. — Um dia, notei que ele estava me enganando. Discutimos, ele me disse que queria sair da operação — hesitou, suspirando desanimado. — Bom, dias depois, ele foi morto. Desde então, eu tenho dificuldade em confiar nos outros e...

Bebi um gole do refrigerante, quase engasgando com o gás. Ele sorriu e pegou a água, bebendo a garrafa inteira sem parar para respirar.

— Paulo...

— Por favor, me deixe terminar — afirmou com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o dedo em riste. Não era uma ordem, todavia, mas um pedido delicado. — Eu sei que você não faria o mesmo que o Roberto, mas algo dentro de mim estava me impedindo de confiar.

— O Roberto está vivo — disparei abruptamente.

Ele apertou os olhos e pendeu a cabeça, um tanto incrédulo, e eu voltei a falar, tentando explicar da forma mais concisa possível:

— O Roberto... Ele me procurou no dia do depoimento do doutor Carlos e me entregou umas fotos.

— Ele está vivo?

— Sim, ele me procurou e...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele apertou ainda mais os olhos, se arrumou na cadeira e voltou a questionar:

— Roberto, policial que era meu parceiro, está vivo?

Ele me olhava com estranhamento, muito confuso. Paulo bebeu mais água, levantou o dedo, pediu outra garrafa. Estávamos em silêncio porque, de alguma forma, eu não sabia como continuar a falar. Um espírito de idiotice se apropriou de mim e as palavras — que eu havia ensaiado na frente do espelho algumas vezes — simplesmente sumiram. Ele sequer colocou a água no copo. Abriu, virou e bebeu com grandes goladas.

— O Roberto? — perguntou novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu confirmei com um aceno de cabeça e Paulo levantou o dedo pedindo outra garrafa de água. A quarta, na verdade, desde que chegamos naquele lugar.

— Onde? Onde ele está?

— Eu não sei. Ele deixou umas fotos para mim e sumiu...

— Fotos? Que fotos?

Engoli em seco.

— Diga, Simone, que fotos? — Parecendo um pouco irritado, Paulo sacodia a perna tão aceleradamente embaixo da mesa que o chão parecia tremer.

— Fotos que mostram pessoas importantes

PERIGOSAS ACHERON

jogando, inclusive o Maurício.

Ele ficou atônito. Mudo, me encarava desvelando toda a incredulidade e desconfiança.

— Eu não sabia como te contar.

— Vamos para a sua casa, Simone. Eu quero ver essas fotos.

— Estão com a Tatiana. No inquérito. Estamos fechando a denúncia e o Maurício vai ser arrolado também.

— Filho da puta — ele disse.

— Pois é... Ele saiu do país e a gente não sabe para onde ele foi. Não quero que ele seja inocentado, mas eu acho que...

— Porra nenhuma! Vou prender aquele filho da

PERIGOSAS NACIONAIS

puta nem que eu tenha que viajar o mundo atrás dele.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 19

Paulo

Então, Paulo, perceba que irônico: meu pai será preso pelo filho que ele sempre quis, preso pelo homem que ele queria que eu fosse, preso por aquele a quem sempre me comparou. Depois de quase me esfolar vivo com 17 anos por conta de uma briga no colégio, depois de me dizer que eu não poderia defender a Simone e tentar me fazer acreditar nisso, ele será preso por aquele que deu a própria vida por ela. E eu? Seguirei feliz pelo mundo com o dinheiro que ele

PERIGOSAS NACIONAIS

colocou no meu nome quando vendeu as minhas sentenças. Sabe o mais engraçado de tudo? Ele sempre achou que eu desconhecia essa conta.

Era a mensagem de celular mais estranha que Paulo já recebera, especialmente porque o remetente sequer estava por perto. Provavelmente, Grécia, porque o maldito já se achava um olimpiano.

Sentado em uma das cadeiras da sala de espera de testemunhas no Tribunal junto dos colegas de operação, as pernas do policial sacodiam com ansiedade. Uma tela mostrava os acontecimentos da sala de audiência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa tarde, Excelências, senhores presentes. O que temos aqui hoje é um grande esquema de corrupção que envolve uma cadeia de empresários, advogados, promotores, juízes e até mesmo desembargadores. Vamos provar aos senhores que um esquema de pirâmide levou à morte de 8 pessoas e ao sequestro de mais 3, além do superendividamento de outras tantas. O culpado principal nunca sujou as mãos com o sangue. Aquele senhor, Carlos Fernando Correa, advogado, um dos sócios do banco de depósitos Dama Branca, estava quase no topo da pirâmide, sentado em sua mesa assinando a execução de todos aqueles que ousassem intervir em seus negócios.

PERIGOSAS ACHERON

Vi que Simone estava concentrada nos papéis sobre a mesa, parecendo desenhar alguma coisa enquanto a colega falava. O advogado de um dos réus começou a falar e a Tatiana sentou. De repente, Simone levou a mão ao celular e sorriu largamente. Então, mostrou a tela do aparelho para a colega, que sorriu e levantou.

— Excelência, posso me aproximar? — pediu a Tatiana.

Um gesto do juiz e ela caminhou, ao lado da Simone, até o púlpito. Os advogados das outras partes as seguiram e, depois de alguns instantes de cochichos — e o que pareceu uma discussão acalorada de murmúros —, o magistrado os

espantou com um aceno de mão.

O julgamento seguiu até que as testemunhas foram chamadas. Um após outro, eu e os amigos policiais fomos dando nossos depoimentos e nos acomodando na plateia. Meus olhos encontraram os de Simone e nós sorrimos um para o outro. Ela desviou e percebi que algo havia chamado sua atenção na porta, mas quando virei para trás só tive tempo de ver alguém saindo.

— Nossa testemunha-coringa chegou — Tatiana disse, virando para o juiz.

Simone assumiu a palavra pela primeira vez, disse, em alto e bom som, o nome da sua testemunha-chave:

— Senhor Roberto de Castro.

Puxei o ar e olhei para a entrada de testemunhas. Alguns poucos instantes foram necessários para que o meu ex-parceiro entrasse. Mais velho, ele apresentava muitos cabelos brancos, mas foi seu braço que me chamou a atenção: Roberto havia perdido a mão esquerda.

Seguindo a minha lógica do momento exato para descobrir coisas, procurei, nas feições do Cervantes, a centelha de algum sentimento intenso: ódio, raiva, surpresa, qualquer coisa. Sim, ele estava surpreso. Nunca esperou ver o Roberto ali.

O depoimento de Roberto começou com ele entregando absolutamente todos os nomes e

esquemas da operação. Por fim, ele afirmou:

— Todo o dinheiro foi transferido para uma conta no exterior em nome de Maurício Correa, filho do senhor Carlos e juiz afastado.

Um conjunto uníssono de *ohs* se fez ouvir.

— Ele tinha alguma participação no esquema?
— ela perguntou mantendo a seriedade.

— Não, doutora.

Simone franziu o cenho. Ela tinha quase certeza de que o Maurício era culpado. Sem se deixar constranger, ela caminhou até um computador portátil ligado a um projetor, mexeu rapidamente e colocou a foto do Maurício na tela.

— O senhor reconhece o doutor Maurício nesta

foto?

— Sim. Está jogando à direita. — Roberto apontou com a mão que ainda tinha.

— O baralho que ele usa, o que representa?

— É o baralho dos jogos da Dama Branca.

— E ele não fazia parte do esquema?

— Não, doutora.

Cervantes sorriu vitorioso, confiante de que ia poder continuar gozando a vida em prisão domiciliar.

— E o que ele fazia lá?

— Jogava baralho, doutora. Era uma festa na casa do doutor Carlos e muita gente foi para jogar baralho.

Tatiana puxou o ar e Simone desviou os olhos para ela. A Gata, então, fez um sinal afirmativo com a cabeça e a Rainha voltou a encarar a testemunha.

— O senhor sabe que está sob juramento?

— Sim, doutora, mas eu não estou mentindo.

— Sua família está em perigo?

— Sim, doutora.

Outro conjunto uníssono de *ohs* e o juiz, batendo pesadamente seu martelo, ordenou a todos que se calassem.

— Quem o está ameaçando? — o magistrado perguntou com a voz idosa e imponente.

Roberto não respondeu, mas olhou para o doutor

PERIGOSAS NACIONAIS

Carlos insinuando muitas coisas. Com isso, considerando o perigo que a testemunha afirmava sofrer com ameaças do Cervantes, este jamais poderia gozar de prisão domiciliar. Percebendo o que acabara de acontecer, o homem franziu o cenho e quase na mesma hora o meu celular apitou:

Avise ao inquebrável doutor Carlos: xeque-mate, maldito. O filho que ele desprezava deu a volta nele.

Maurício?

Eu sempre soube que o *juizinho* não era inocente, mas jamais imaginei que ele também sentia raiva do pai. Com esse golpe, usando o Roberto, o infeliz ficou com o dinheiro que era

PERIGOSAS ACHERON

depositado em nome dele para venda das sentenças, condenou o pai e fugiu.

— Porra nenhuma! — exclamei um pouco alto demais.

Todos me olharam, mas meus olhos pousaram no Cervantes.

Aquele maldito *juizinho de merda*, com aquela cara de anjo caído, não sairia rico e ileso. Ele sabia dos esquemas e, ainda assim, seguiu com a farsa.

Roberto terminou o depoimento e saiu da sala. Eu, Palito, Chiclete e Esquilo corremos para alcançá-lo, mas o meu ex-parceiro era rápido em se esconder nas sombras.

Dei um soco na parede e senti a mão de Palito

PERIGOSAS NACIONAIS

no meu ombro.

— Ele sumiu, chefe.

Os outros logo chegaram e eu mostrei as mensagens para eles.

— O *juizinho* sabia do esquema todo, então?

— Sabia. Claro que aquele filho da puta sabia! E ele ficou com o dinheiro, com a inocência e com a liberdade.

Um guri encostou no meu ombro e passou um envelope, correndo de novo pela multidão que se aglomerava para acompanhar o julgamento.

Meu amigo, quanto orgulho tenho de você.

Por favor, não me odeie. Precisei proteger

Marisa e as crianças. Você nunca mais vai

PERIGOSAS ACHERON

me ver, mas os principais culpados serão condenados. O mínimo que eu podia fazer por você, que já havia perdido o testemunho do José, era aparecer para encerrar este caso. Eu não sabia que a filha do José tinha se envolvido com aquela família até a morte dele. Só então voltei para a cidade. Não pude descobrir muita coisa. O Cervantes usava o filho, que descobriu o esquema e localizou a conta em nome dele. Assim, quando tudo apontou para o pai, ele testemunhou superficialmente e partiu. Ontem, recebi uma grande quantia em dinheiro para vir e impedir que o pai dele conseguisse qualquer

amenização da pena. Adeus, meu amigo. Seja feliz e faça a menina do José feliz.

Paulo

Amassei a carta na mão.

Uma hora depois de apresentado o caso, o Tribunal entrou em recesso para deliberação. Tatiana foi brilhante, impecável na amarração dos culpados aos seus crimes.

Exceto o Maurício.

Com a instalação do recesso, subi para o terraço, porque sabia que encontraria Simone lá comendo a

PERIGOSAS NACIONAIS

marmita feita por sua mãe. A noite já havia chegado e uma brisa gelada soprava.

— Simone?

— Paulo? — assustou-se.

— Você está bem?

— Sim, obrigada. E você? — Ela levantou, apoiando a comida na mesa.

— Ótimo.

Ficamos em silêncio. Caminhei para perto dela e mostrei as mensagens do celular e a carta do Roberto. Ela puxou o ar.

— Há uma força-tarefa procurando o Maurício pelo mundo. Ele não sairá impune, Paulo.

— Você sabia disso tudo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu desconfiava. Até acredito que ele estivesse realmente só jogando baralho naquele dia, ainda que apostasse dinheiro. Mas o Maurício nunca foi burro. Só lamento que ele tenha se deixado corromper pelo dinheiro depositado.

Fiz que *sim*, concordando com ela, e acariciei seu rosto, permitindo que ela também ouvisse a pulsação acelerada do meu coração. Percebi que ela havia engolido em seco.

— Vocês foram ótimas lá dentro — afaguei seu ego sem mentir.

— Espero que a gente tenha convencido o colegiado. Você sabe que este tipo de condenação não é comum e que temos bastante dificuldades

PERIGOSAS ACHERON

com as provas deste caso.

Engoli em seco. Muita gente havia sumido no curso da investigação, morrido ou simplesmente desaparecido.

— Não fique aborrecido com o Roberto. Ele só estava protegendo aqueles que amava.

— Eu amo você, Simone — falei, porque não havia mais nada a dizer sobre o Roberto. O fato é que ele era um policial corrupto, que fraquejou no cumprimento do dever.

E será que eu faria diferente se estivesse no lugar dele?

Simone havia amadurecido muito neste ano. Era uma mulher maravilhosa, inteligente, *sexy* e bem-

PERIGOSAS NACIONAIS

humorada. Ela tinha tudo o que eu sempre quis em uma companheira, principalmente o fato de ser a Simone, com quem sonho desde o colégio. Uma guerreira forte e implacável, capaz de dominar seus oponentes com um encanto inquestionável. Paradoxalmente, era doce e suave quando eu a tocava. A possibilidade de outro homem ver este lado dela, então, me consumia.

Simone era minha. Seus gemidos, seu corpo, seu prazer, tudo meu. Eu queria ser aquele que a faria acordar sorrindo e relaxar depois de um dia cheio. Eu e ela nos perdíamos um no outro, nos encontrávamos com os olhos e eu precisava fazê-la lembrar disso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Passei a mão quente e aberta em seu rosto e, como a gata arisca que era, Simone se afastou. Eu sorri. Ainda que preferisse ser a caça dela, naquele momento eu era o caçador. A cada passo que eu dava em sua direção, ela se afastava dois para trás. Era uma dança silenciosa, um tango sensual. Até que ela encostou no parapeito.

Eu olhei para seu decote elegante e lambi os lábios, enlouquecendo com a possibilidade de me perder em seus seios fartos.

— Esse seu perfume me deixa doido.

— Há câmeras aqui, Paulo.

Ela não me repeliu. Pelo contrário, me deu a entender que também queria. É claro que sim.

PERIGOSAS ACHERON

Simone sabia bem dominar um homem. Me dominar.

Havia tensão entre nós, fagulhas e o anúncio claro de um incêndio. Alguns fiapos do cabelo dela voaram, prendendo-se em seu batom, distraíndo-a e fazendo-a piscar repetidamente. Antes que se desse conta, segurei seu rosto com as mãos e tomei seus lábios, a pressionando contra o parapeito do prédio do Tribunal, à frente de qualquer câmera que pudesse estar direcionada para nós, ao risco de qualquer pessoa que decidisse tomar um ar naquela cobertura.

Agarrei seu coque e puxei seu rosto até colar no meu, como se fosse engoli-la. Eu queria isso. Ela

queria isso. Simone não tentou me empurrar. Eu e ela não conseguíamos mais empurrar um ao outro. Quando me afastei para que respirássemos — e não cometêssemos uma loucura maior ali —, ela repetiu ofegando:

— Câmeras.

— Sua sala — falei.

Passei a mão na mesa, peguei a marmita dela e entrei no prédio, sentindo as chamas da excitação apertarem minhas calças.

— Vamos — insisti enquanto chamava o elevador e segurava para que ela entrasse.

Quando se viu no espelho, com a boca inchada, o batom borrado e o cabelo desgrenhado, Simone

sorriu. Meus olhos e os dela cruzaram e eu acariciei seu rosto com suavidade. Desta vez, ela aceitou a carícia. Estávamos nos reconectando, finalmente, depois de quase um ano afastados.

— Senti sua falta — falei.

Ela deitou a cabeça na minha mão e fechou os olhos, ronronando manhosa.

Chegamos na sala dela e, antes que o clique da chave pudesse ser ouvido, eu já havia pressionado meu corpo contra dela e tomava sua boca, faminto, arrebatando os botões de sua camisa. Sem interromper o contato nem por um segundo, a empurrei até a mesa, onde achei que possuiria conforme a minha vontade. Mas Simone virou de

PERIGOSAS NACIONAIS

costas para mim e tombou empinando a bunda. Passei a mão pela lateral de seu corpo, chegando aos seios, que apertei por sobre o sutiã enquanto a sarrava por trás. Enterrei a cabeça em sua nuca e inspirei profundamente, apreciando todo o frenesi que o cheiro dela me dava. Seus seios intumesceram entre meus dedos e a reação espontânea daquela mulher quase me fez gozar. Desci uma das mãos e levantei sua saia, sem deixar de me esfregar nela. Simone sentia prazer, mas ainda não havia perdido a sanidade.

Puxei o cabelo dela e tomei sua boca, invadindo-a com a língua de forma feroz e sendo apresentado com a reação semelhante dela.

PERIGOSAS ACHERON

Somos um do outro, sempre fomos.

Abri o zíper da minha calça apenas para tentar aliviar a pressão, puxando meu membro por entre o corte da cueca. Desci a mão pelo traseiro de Simone e notei que a pequena calcinha que ela usava não resistiria muito tempo. Arrebentei com um puxão, fazendo-a arfar, surpreendendo-a. Abri as pernas de Simone e passei mão para sentir sua umidade. Quando percebi que ela estava pronta, penetrei-a com um golpe único e fundo, fazendo a mesa sair do lugar e arranhar o chão de madeira.

Eu achei que comandava a situação. Achei que dava as ordens. Mas Simone é a rainha que me enlouquece. É a dona de si mesma, de seu corpo e

de seu prazer. Eu apertei sua cintura e a puxei, mas apenas para sair e entrar novamente, ainda mais fundo. Ela gemia e gemia alto, mostrando para quem quisesse ouvir que era uma mulher forte demais para fraquejar com o disse-me-disse de possíveis fofocas.

Puxei seus mamilos novamente, apertando aqueles seios deliciosos nas mãos.

— Eu quero sentir o cheiro dos seus peitos — falei.

— Não — ela respondeu, apenas para garantir que eu não tinha o direito de querer.

O jeito de mandar em mim, de mostrar-se poderosa, era delicioso demais e eu, novamente,

quase gozei. Tentei acariciá-la e estimulei para que chegasse ao prazer, certo de que eu perderia novamente. Me perdi dentro dela e me senti um bosta.

Simone é uma mulher incrível. Percebendo que eu tinha perdido o controle, virou de frente para mim e sentou na mesa, arreganhando as pernas e puxando minha cabeça até enterrá-la ali, no lugar onde eu havia acabado de gozar. Ajoelhado no chão, refém de Simone, eu chupei, lambi, senti meu gosto misturado ao dela, comendo-a com a língua; a fiz gemer ainda mais alto e cair, exausta e satisfeita, entre seus papéis antes organizados.

Subi na mesa e deitei ao lado dela, puxando sua

cabeça para o meu colo.

— Eu amo você, Simone.

— Senti falta disso, Paulo. Não sinto prazer desde aquela última vez em que estivemos juntos, no meu carro.

— Acho ótimo você estar com esse desejo acumulado, mas você não respondeu — insisti no assunto.

— O quê?

— Eu amo você.

— Não imaginei que fosse uma pergunta.

Fiquei em silêncio por uns instantes, até que tomei coragem:

— Você não me ama?

— Isso parece mais uma pergunta — ela respondeu rindo.

Apoiei o corpo no cotovelo e a encarei.

— Não estou brincando, Simone. Quero saber se você já tem a sua certeza, a sua resposta.

Ela repetiu meu gesto e me olhou de frente. Por algum motivo, eu soube a resposta antes mesmo de ela dizer.

— Eu amo você, Paulo.

CAPÍTULO 20

Simone

1 ano depois

A pequena capela estava entupida. Não havia mais do que 100 convidados, porque nos limitamos a chamar os amigos mais próximos, mas o calor que todos emanavam era acolhedor.

Eu não quis usar branco; preferi um vestido discreto rosa claro. Um corredor de Tigroj devidamente trajados me recebeu do lado de fora e, no fim da fila, o pai do Paulo parecia orgulhoso. Entrei pela Igrejinha com um vestido sóbrio em

PERIGOSAS NACIONAIS

tons delicados de rosa, de braços dados com a minha mãe, que chorava muito e parecia cada vez mais fraca. Desde que meu pai se foi, pouco mais de um ano antes, ela passou a usar bengala, comia menos, emagreceu e deixou os cabelos brancos. Não posso dizer exatamente quando, mas sei que ela desistiu de viver.

Naquele dia, todavia, mamãe se esforçava para sorrir.

Dentre os presentes, amigos e familiares, um par de olhos me chamou a atenção. Roberto. O homem que havia ajudado meu pai a sair do esquema do Carlos, ajudado a si mesmo. Um policial que temeu pela família e sumiu no mundo. Alguém que não

PERIGOSAS ACHERON

queria ser encontrado. Sorrindo para mim, fez um aceno de cabeça e saiu da capelinha por uma das portas laterais.

No altar, Paulo puxava o ar e soltava pela boca; tive certeza de que várias imagens passavam pela cabeça dele, um filme desde que nos conhecemos no colégio, 20 anos antes.

— Seu pai está muito feliz, minha filha —
mamãe sussurrou pouco antes de entregar minha mão ao Paulo.

Conforme ensaiado, a mãe do Paulo deixou o lado dele no altar, segurou a minha mãe e a ajudou a sentar.

Paulo deu um beijo na aliança de noivado, que

adornava o meu dedo desde que finalmente aceitei aos reiterados pedidos dele.

— Eu amo você — ele disse. E eu, simplesmente, sorri.

Uma cerimônia rápida foi realizada e a chuva de arroz começou ainda no tapete vermelho tão logo nos viramos para sair. Palito, um dos padrinhos de Paulo, caminhava rigidamente ao lado de Tatiana, a minha madrinha. Atrás deles, Esquilo e Viviane, Chiclete e Ana, a minha secretária no Ministério Público.

Os Tigroj nos esperavam do lado de fora e formaram novamente o corredor. Um deles, a doutora Juliana, era a médica mais próxima da

PERIGOSAS NACIONAIS

família e parecia mais sorridente que todos os outros convidados.

— Somos todos iguais, meu querido — ela disse quando cumprimentou o Paulo, que deu um beijo em sua testa e sorriu.

Entramos no carro e nos preparamos para partir para a festa, mas o movimento do lado de fora chamou a atenção do Paulo.

— Algo está errado — ele falou, quase que ao mesmo tempo em que se jogava em cima de mim para me proteger de um estalo do lado de fora.

— São fogos de artifício, Paulo — eu ri.

Ele balançou a cabeça e sorriu.

Percebi que o caminho que o motorista tomava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não era o da festa e perguntei ao Paulo o que estava acontecendo. Ao invés de responder, ele fez um sinal para o homem pelo retrovisor.

O carro parou em um posto de gasolina e Paulo me puxou para fora. A moto estava estacionada em frente à loja de conveniências e, me passando o capacete escuro e o lenço típico dos irmãos do clube de motoqueiros, disse:

— Você está sendo sequestrada, esposa.

— Mas e a festa?

— Está só começando... — insinuou, subindo na moto e apontando para a carona.

Não sei para onde iríamos, mas sei que, fosse onde fosse, com ele, eu estaria sempre protegida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele é meu e eu sou dele.

Para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

EPÍLOGO

Paulo

Seis meses depois

— Ainda não entendi o motivo da venda — ela falou com as mãos para a frente, tentando não bater em nada.

Como se eu pudesse deixar ela se machucar..., ri com o pensamento.

— Imagina que o suspense é um *plus*.

— É uma festa surpresa?

Ri novamente.

— Você está muito risonho — Simone parou. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso é preocupante.

— Não se preocupe, boneca. — Voltei a andar.
— Só ri porque não deixa de ser uma festa surpresa. Agora, pare um minuto. Vou abrir a porta.

Apertei o botão e a garagem se iluminou. Segurei a mão da Simone e a puxei para dentro, fechando o lugar em seguida.

Trancando, para ser mais exato, porque eu era capaz de matar quem se atrevesse a nos interromper.

Puxei Simone novamente e coloquei suas duas mãos no banco do presente que eu havia comprado para ela. Percebi suas sobrancelhas franzirem e, retoricamente, perguntou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que é?

Tirei a venda e ela arregalou os olhos.

— Um moto? Você comprou outra moto?

Sorri. Já era a quarta moto que eu tinha na garagem.

— Essa é sua, boneca. Gostou?

Era uma máquina maravilhosa. Uma Harley com freio duplo, rodas de alumínio, motor de ronco puro 114 com motor de 3500. Não adiantava eu falar nada daquilo para ela, porque eram especificações que só quem entende de moto entenderia. Em resumo: era uma moto sem defeito.

— Eu-eu não sei pilotar — ela murmurou, soando triste.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, mas vai aprender. — Sorri. — Sobe.

Ela olhou ao redor e, na confusão de ferramentas da garagem dos meus pais, perguntou com as sobrancelhas arqueadas:

— Aqui?

— A primeira lição, será aqui.

Ela subiu e eu montei, encostando na cintura dela por força da altura dos bancos. Meus braços a rodearam e eu dei um beijo na parte da trás da cabeça da Simone.

— Você gostou? — perguntei encostado em seu ouvido e fazendo-a se arrepiar.

— Gostei.

Encostei minha testa nela e sorri triunfante. Há

muito tempo eu sonhava com aquilo.

Simone levou as mãos às manoplas e eu aproveitei para deslizar meus dedos pelos braços dela.

— Está gostando, boneca? — Dei um beijo logo abaixo da orelha dela.

Ela anuiu levemente.

— O que você está fazendo, Paulo?

Não respondi. A ponta dos meus pés encostava no chão e ela estava absolutamente confortável no banco do piloto.

— Coloque seus pés nos pedais — sussurrei roucamente.

Jamais imaginei que as partes de uma moto

poderiam despertar esse tipo de reação em mim e tenho quase certeza que era tudo fruto da mulher incrível sentada à minha frente.

— Não vamos cair?

— Nunca, boneca.

Ela colocou os pés nos pedais e o peso todo da moto ficou em meus pés e no descanso. Eu teria que aguentar. Dar prazer à Simone em cima de uma moto era um desejo que eu vinha alimentando nos mais variados sonhos.

Com o traseiro empinado, ela apertou ainda mais as manoplas. Uma de minhas mãos puxou o cabelo dela e os seios de Simone se inclinaram, fazendo com que soltasse as manoplas.

— Paulo, eu...

Não deixei que Simone terminasse. Beijando seu pescoço, passei a outra mão pelo corpo dela, subindo pela perna até parar no encontro das coxas. Ela deu um gritinho, surpresa com a minha ousadia.

— Shhh... — soprei no ouvido dela, raspando a barba pelo pescoço e ombro de Simone.

Usando apenas uma blusa fina de alças, era possível, mesmo que o sutiã os apertasse, ver os mamilos eriçados dela. Minha boneca reagia bem às carícias e isso só me excitava ainda mais.

Simone ronronou, gemendo um princípio de prazer que seria, em breve, todo meu. Tirei a mão do meio das pernas dela e subi, apertando o seio

sem soltar o cabelo. Ela se retorcia à minha frente, ávida por mais daquilo que eu sabia bem lhe proporcionar.

Soltei o sutiã de Simone, levantei sua blusa, passando pela cabeça e a deixei nua da cintura para cima.

— Paulo, alguém, pode entrar...

— Estamos sozinhos aqui, boneca.

Minhas duas mãos a envolveram pela cintura, apertando as laterais de seu corpo, e depois subiram até agarrarem ambos os seios. Eram enormes, suculentos e perfeitos. Inspirei novamente em sua nuca e beijei suavemente, estimulando seus mamilos eriçados raspando minhas palmas por eles.

Simone tombou a cabeça no meu ombro e tentou apertar as pernas.

Percebi que era hora de fazê-la gozar a praguejei a calça que ela usava, uma suave sarja cor de areia. Com uma lentidão que me fazia sofrer, apertei um dos seios e, com a outra mão, descí até o encontro das pernas dela novamente, o qual comecei a estimular. Ocupando-me de raspar a barbar até deixa-la sensível, lambi levemente o lugar avermelhado.

Simone estava entregue e eu estava enlouquecido atrás dela. Meu pau encostava na base de suas costas e ansiava por libertar-se de toda a roupa que eu ainda usava. Aquele era o momento

de Simone e eu queria fazê-la gozar. O calor que emanava de seu ponto mais íntimo era delicioso e reverberava diretamente no meu próprio prazer.

— Paulo... — ela gemeu, quase pedindo.

De olhos fechados, com a cabeça deitada em meu ombro e os seios empinados, Simone se contorcia. Eu apertava seu mamilo, puxava e beliscava enquanto minha outra mão brincava no lugar onde eu queria entrar.

Desamarrei o caderço da calça dela e coloquei a mão por dentro, percebendo logo o quanto aquilo a agradou. Meus dedos descaram abrindo os grandes lábios de Simone, que rebolou de encontro a eles, e acariciei seu clitóris. Tentei penetrá-la com o dedo

médio, mas a posição em que estávamos não permitiu. Então segui estimulando-a.

Ela estava perto de gozar e eu, apertado na calça jeans, sentia o incômodo.

— Eu quero comer você, Simone — sussurrei, confessando que estava a um passo de rasgar aquela roupa toda e comê-la no chão da garagem.

Ela gemeu um *sim* que se misturou ao gozo baixo, contido e envergonhado. Mordendo os lábios, ela tentou segurar o que, eu sei, foi um prazer alucinante. Tirei minha mão de dentro de sua calça e a abracei por trás, acariciando seus cabelos negros.

Eu ainda não estava satisfeito. Pelo contrário,

estava a um passo de explodir dentro da calça.

— Desce da moto — mandei roucamente, certo de que a brincadeira ficaria ainda melhor.

Desmontei e, antes mesmo de ela fazer o mesmo, abaixei a calça e levei a mão ao meu pau, acariciando-o enquanto a encarava ainda ofegante. Brilhando, uma gota escorreu de sua ponta e ela lambeu os lábios, imaginando que me chuparei naquele momento.

Mas tão logo abaixou, antes mesmo de ajoelhar, eu puxei seu cabelo e a fiz me encarar.

— Eu quero comer você —repeti com a voz engrossada pelo tesão.

A beijei vorazmente, enfiando minha língua e

PERIGOSAS NACIONAIS

pedindo passagem. Ela reagiu, duelando comigo com perícia e me enlouquecendo ainda mais.

— Tire a calça — mandei. — Eu quero me enterrar em você.

Era mais uma promessa do que um desejo e Simone sabia bem disso. Enquanto ela terminava de se despir, subi na moto, no banco do piloto, e joguei o corpo para trás, empinando ainda mais o membro ereto e apertando-o entre os dedos.

Simone arregalou os olhos e, de forma bem desajeitada, sentou de frente para mim, abrindo-se e encaixando o meu pau em sua umidade. Nos encaramos e percebi suas pupilas dilatarem conforme se acomodava em cima de mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Coloca os pés nos pedais e rebola *pra* mim, boneca. Sobe e desce *pra* mim.

Ela apoiou as mãos no meu peito e, de forma obediente, começou a rebolar. Aquela posição a estimulava também e eu sabia que ela iria gozar novamente. Eu já estava muito excitado e precisei me segurar para não gozar rapidamente. Eu me segurava na moto e continha o peso nas pernas, mas estava entorpecido pela visão dos seios de Simone balançando no meu rosto.

— Coloque na minha boca — implorei.

Ela segurou um dos seios, mantendo a outra mão apoiada em mim, e levou à minha boca. Fechei os olhos, porque eu me perdia quando sentia os

mamilos de Simone na minha boca. Suguei, puxei e gemi alucinadamente.

Simone era a minha mulher e eu a conhecia bem. Seu gozo veio intenso e, com ele, urrei de prazer, derramando todo o tesão que eu sentia dentro dela. Dentro da minha mulher.

Notando o escândalo que eu havia feito, ela desceu muito sem graça da forma mais rápida que pôde e começou a recolher suas roupas, abraçando-as à frente do corpo.

— Paulo, seus pais devem ter ouvido. Que vergonha!

Eu ri, ainda jogado em êxtase sobre a moto.

— Boneca, não me importo. — Levei uma das

mãos até a testa.

— Mas eu me importo! Que vergonha!

— A garagem tem isolamento acústico, boneca.

— Virei para ela e pisquei.

Ela arregalou os olhos e sorriu com malícia. Suas roupas voltaram para o chão. Franzi o cenho e Simone se aproximou, nua e lentamente como a gata insaciável que era. Imaginei que ela fosse me beijar, mas ao invés disso, murmurou colada aos meus lábios:

— Então, vamos à segunda aula?

FIM

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON